



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Letras - IL**  
**Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - LET**

Laura Cristina de Moraes Andrade

**Estilo clara de ovo, bem transparentinho:** Retradução como proposta de atualização  
do texto de Dom Quixote das Crianças de Monteiro Lobato

Brasília - DF

2019

Laura Cristina de Moraes Andrade

**Estilo clara de ovo, bem transparentinho:** Retradução como proposta de atualização do texto de Dom Quixote das Crianças de Monteiro Lobato

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCC) apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras - Tradução Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar N. Monteiro

Brasília - DF

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

AAN553e      Andrade, Laura Cristina de Moraes  
Estilo clara de ovo, bem transparentinho: Retradução como proposta de atualização do texto de Dom Quixote das Crianças de Monteiro Lobato / Laura Cristina de Moraes Andrade; orientador Julio Cesar Neves Monteiro. -- Brasília, 2019. 58 p.

Monografia (Graduação - Letras - Tradução Espanhol) -- Universidade de Brasília, 2019.

1. Retradução. 2. Teoria dos Polissistemas. 3. Literatura Infantil. 4. Monteiro Lobato. 5. Dom Quixote das Crianças. I. Monteiro, Julio Cesar Neves, orient. II. Título.

Laura Cristina de Moraes Andrade

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCC) apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras - Tradução Espanhol.

Aprovado em:

---

Julio Cesar Neves Monteiro – Orientador

---

Erivelto Carvalho – Membro Externo

---

María del Mar P. Cebey – Membro Interno



A minha família, com amor e gratidão pelo apoio, carinho e companheirismo recebidos ao longo do período de elaboração deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Meu muito obrigada ...

À Universidade de Brasília - UNB pelo acolhimento nesta empreitada de realizar um novo curso de graduação, após tantos anos de afastamento da vida acadêmica.

Ao Prof. Dr. Julio Cesar Neves Monteiro, meu orientador, por acreditar e apoiar a realização deste projeto, com paciência e dedicação.

Aos professores do curso de Letras Tradução Espanhol da UNB pelo inestimável conhecimento transmitido e pelo incentivo no desenvolvimento deste projeto.

À Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro pelo fornecimento dos microfilmes das obras utilizadas nesta pesquisa e à Biblioteca Central da UnB que os digitalizou, sem as quais a realização deste trabalho seria inviável

Às amigas Lúcia Scarabele, Priscylla Gomes e Rafaella Monterey pelo companheirismo, troca de experiências e infinitas horas de risadas.

Aos meus pais e irmão por me incentivarem e me ensinarem a valorizar o conhecimento como um bem que muda para sempre nossa visão de mundo.

Aos meus filhos por entenderem a real importância desta aventura acadêmica na busca pela realização de um sonho e por dividirem com o curso de Letras Tradução Espanhol parte da atenção de sua mãe durante os últimos quatro anos.

*A tradução tem que ser um transplante.  
O tradutor necessita compreender a fundo a  
obra e o autor, e reescrevê-la em português,  
como quem ouve uma história e depois a conta  
com palavras suas.*

Monteiro Lobato (1955)

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a possibilidade de atualização do texto da obra Dom Quixote das Crianças que, desde sua primeira edição, pouco ou nunca sofreu alterações. Primeiramente faz-se necessário explicar o conceito de atualização adotado neste trabalho. De acordo com o dicionário Aulete Digital atualizar significa acrescentar ou modificar algo para adequar a novos fatos ou conceitos. Esta é a intenção do trabalho, demonstrar que ao texto de Lobato podem ser acrescentadas novas informações ou retiradas ou substituídas outras que não estão mais alinhadas com o momento atual. O texto original de Monteiro Lobato, publicado em 1936, continuou a ser republicado até a edição atual, apenas com algumas poucas adequações ortográficas. Neste trabalho foram utilizadas tanto a primeira edição da obra publicada em português quanto a primeira edição da obra traduzida ao espanhol, em 1938 por Benjamín de Garay e publicada em Buenos Aires. O trabalho encontra embasamento teórico na Teoria dos Polissistemas, nos Estudos Descritivos da Tradução e na Hipótese da Retradução, considerando que toda obra apresenta um contexto histórico, social e político pela qual é influenciada e, ao mesmo tempo, que os textos, assim como as traduções, envelhecem e sempre podem ser aprimorados. O processo de trabalho partiu da retradução de um dos capítulos desta primeira tradução ao espanhol, trazendo o texto de volta ao português do Brasil atual e comparando-o com o texto original de Lobato. A proposta de retradução identificou no texto original, pontos que mereciam ser preservados, alguns que necessitavam de atualização e outros que poderiam ser omitidos sem prejuízo da mensagem do texto original. Aproveitando o fato de que em 2019 a obra de Monteiro Lobato entrou em domínio público, uma atualização do texto de Dom Quixote das Crianças objetiva realocá-lo no centro do polissistema literário brasileiro, sem descaracterizar o texto original e contribuindo para que as crianças de hoje conheçam e se deliciem com este texto, adaptado da mais célebre obra da literatura espanhola, Don Quijote de la Mancha de Miguel de Cervantes Saavedra .

Palavras-chave: Dom Quixote. Monteiro Lobato. Hipótese da Retradução. Teoria dos Polissistemas.

## RESUMÉN

El presente trabajo tiene como propósito demostrar la posibilidad de actualizar el texto de la obra *Dom Quxjote das Criaças* que, desde su primera edición hasta ahora, se ha cambiado poco o case nada. Primero se necesita explicar el concepto de actualización adoptado en este trabajo. Según el diccionario Aulete Digital, actualizar significa agregar o modificar algo para adaptarlo a nuevos hechos o conceptos. Es esta la intención del trabajo, demostrar que al texto de Lobato se pueden agregar nuevas informaciones o eliminar o reemplazar otras que ya no están alineadas con el momento actual. El texto original de Monteiro Lobato, publicado en 1936, se ha vuelto a publicar hasta la edición actual, con solo unos pocos ajustes ortográficos. Este trabajo utilizó tanto la primera edición del trabajo publicado en portugués como la primera edición del trabajo traducido al español, en 1938 por Benjamín de Garay y publicado en Buenos Aires. La investigación encuentra una base teórica en la Teoría de los Polisistemas, en los Estudios Descriptivos de Traducción y en la Hipótesis de Retraducción, cuando se considera que cada obra presenta un contexto histórico, social y político por el cual está influenciada y, al mismo tiempo, que los textos, así como las traducciones envejecen y siempre se pueden mejorar. El proceso de trabajo comenzó a partir de la traducción de uno de los capítulos de esta primera traducción al español hecha por Benjamín de Garay, devolviendo el texto al portugués brasileño actual y comparándolo con el texto original de Lobato. La propuesta de retraducción identificó en el texto original puntos que merecían ser preservados, algunos que debían actualizarse y otros que podrían omitirse sin perjuicio del mensaje del texto original. Aprovechando el hecho de que desde enero de 2019 el trabajo de Monteiro Lobato está en dominio público, una actualización del texto de *Dom Quixote das Criaça* tiene como objetivo reubicarlo en el centro del polisistema literario brasileño, sin que se desfigure el texto original, y contribuir para que los niños de hoy puedan conocer y disfrutar del texto, adaptado de la obra más famosa de la literatura española, Don Quijote de la Mancha de Miguel de Cervantes Saavedra.

Palabras-claves: Don Quijote. Monteiro Lobato. Hipótesis da Re-tradución. Teoría de los Polisistemas.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>13</b>
2.1. A TEORIA DOS POLISSISTEMAS .....	13
2.2. ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO.....	15
2.3. A TEORIA DA RETRADUÇÃO.....	17
<b>3. A OBRA D. QUIXOTE DAS CRIANÇAS, DE MONTEIRO LOBATO .....</b>	<b>19</b>
3.1. MONTEIRO LOBATO: O HOMEM, O ESCRITOR E O TRADUTOR .....	19
3.2. DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS, CONTADO POR DONA BENTA.....	22
3.3. CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E POLÍTICO NO BRASIL EM 1936 .....	23
3.4. BENJAMÍN DE GARAY - O TRADUTOR.....	25
<b>4. A RETRADUÇÃO DE DON QUIJOTE DE LOS NIÑOS PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL ATUAL.....</b>	<b>26</b>
4.1. PROJETO DE RETRADUÇÃO .....	27
4.2. ANÁLISE CRÍTICA COMPARATIVA ENTRE A RETRADUÇÃO A PARTIR DA TRADUÇÃO DE BENJAMÍN DE GARAY E O TEXTO ORIGINAL DE MONTEIRO LOBATO .....	30
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE A - RETRADUÇÃO DO CAPÍTULO VI - PRIMEIRAS AVENTURAS EM COMPANHIA DE SANCHE.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO A - TEXTO ORIGINAL DO CAPÍTULO VI DE DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS – 1ª EDIÇÃO, 1936 .....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXO B - TEXTO ORIGINAL DE DON QUIJOTE DE LOS NIÑOS – 1ª EDIÇÃO, 1938.....</b>	<b>53</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O interesse pela obra *Dom Quixote das crianças*, adaptada por Monteiro Lobato, foi despertado quando da elaboração de um trabalho acadêmico do curso de Letras – Tradução Espanhol na disciplina Teoria da Tradução II, cujo objetivo era a análise de prefácios de tradutores, buscando conhecer suas estratégias e processos de tradução. Durante a pesquisa para a seleção de um texto, o prefácio de *Alice no País das Maravilhas*, adaptação de Monteiro Lobato da obra de Lewis Carroll, apresentou-se como opção de trabalho. Mais importante, revelou o tão conhecido autor de livros infantis, presente no imaginário das crianças brasileiras, como um importante tradutor de muitas obras clássicas da literatura adulta e infantil, o que possibilitou ao leitor brasileiro vivenciar, além de personagens criados por ele, personagens criados por outros célebres autores.

Dentre as obras traduzidas/adaptadas por Monteiro Lobato encontra-se *Dom Quixote de la Mancha*, de autoria de Miguel de Cervantes Saavedra, a mais emblemática obra da literatura espanhola. A obra de Cervantes, publicada pela primeira vez em 1605, satiriza os romances de cavalaria. Foi traduzida para diversas línguas, entre elas o português. A versão que embasou a adaptação de Monteiro Lobato foi a dos Viscondes de Castilho, de Azevedo e de Chagas publicada pela primeira vez em Portugal, nos anos de 1877 e 1878. O que chamou atenção foi o fato de posteriormente a obra de Lobato ter sido traduzida de volta ao espanhol, primeiro por Benjamín de Garay (1938) e posteriormente por M.J. Sosa (1945); e de ter sido distribuída em muitos países da América Latina.

Ao procurar melhor conhecer a obra de Lobato pode-se perceber sua importância para as crianças brasileiras. Entretanto, o mais curioso foi descobrir que o texto publicado em 1936 permanece praticamente intocado até os dias de hoje. A primeira leitura do texto foi feita na edição de 2010, reimpressa em 2017, e quando o comparamos com o texto da primeira edição percebemos como ele se manteve inalterado, provavelmente por questões de direitos autorais. Como Lobato morreu em 1948 e a Lei de Direitos Autorais estabelece que as obras entram em domínio público setenta anos após a morte de seus autores, a partir de 1º de janeiro de 2019 a obra de Lobato está em domínio público, não mais necessitando de autorização de seus descendentes para ser publicada ou alterada. Este fato fez surgir muitos novos projetos editoriais, entre eles o do escritor Pedro Bandeira, que pretende adaptar alguns dos livros de Lobato por acreditar que sua *obra estaria tendo uma sobrevida muito melhor se já se pudesse*

*estar mexendo nela há duas ou três décadas* (Bandeira, 2019)<sup>1</sup>. Também a pesquisadora da USP Marisa Lajolo coordenou um projeto para a editora Companhia das Letras com a inserção de notas de rodapé nas quais os personagens discutem questões polêmicas presentes nas obras de Lobato, tais como o racismo<sup>2</sup>. Diante da possibilidade de alterações nas obras de Lobato, agora permitidas legalmente, vislumbramos poder demonstrar a possibilidade de renovar o texto de Dom Quixote das Crianças, baseando-nos em fundamentos teóricos dos Estudos da Tradução.

Na primeira seção vamos sintetizar os principais conceitos teóricos que embasam este trabalho, contidos na Teoria dos Polissistemas de autoria do israelense Itamar Even-Zohar; os fundamentos dos Estudos Descritivos da Tradução, desenvolvidos por Toury e a Hipótese da Retradução, na visão de Berman e de Gambier.

A segunda seção deste trabalho será dedicada ao autor, à obra em si e à tradução de Benjamín de Garay. O objetivo desta seção é que o leitor possa melhor conhecer quem foi Monteiro Lobato, o que pensava sobre literatura, tradução, uso da linguagem e difusão de suas obras, suas ideias e interesses. Ainda nesta seção, abordaremos a obra Dom Quixote das Crianças, como surgiu, de que trata, sua distribuição na América Latina, sua tradução ao espanhol feita por Garay e quem era esse tradutor.

A terceira seção apresentará o projeto de retradução, delimitando o escopo do trabalho, comentando alguns aspectos mais gerais tais como a tradução de nomes próprios e o uso de diminutivos nos textos de Lobato e na tradução de Garay. Também serão abordados alguns outros tópicos, como a tradução de coloquialidades, de figuras de linguagem, de expressões lobatianas e a exclusão de partes do texto que poderiam não ser bem aceitas hoje pelos leitores.

A quarta e última seção apresentará os resultados deste trabalho, abordando as dificuldades encontradas durante o processo, as confirmações de algumas hipóteses levantadas inicialmente, alguns questionamentos que surgiram durante a pesquisa, mas que não faziam parte do escopo inicial e algumas oportunidades vislumbradas e reservadas para futuros trabalhos.

---

<sup>1</sup> Ver: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/obra-de-monteiro-lobato-cai-em-dominio-publico-e-ja-tera-novas-edicoes/> <acessado em 14/11/2019>

<sup>2</sup> Ver: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/02/10/interna\\_diversao\\_arte,736370/monteiro-lobato-em-dominio-publico.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/02/10/interna_diversao_arte,736370/monteiro-lobato-em-dominio-publico.shtml) <acessado em 14/11/2019>



## 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentamos os principais conceitos teóricos que embasam este trabalho. Considerando que toda tradução é uma expressão cultural de sua época, abordamos a Teoria dos Polissistemas, criada pelo israelense Itamar Even-Zohar que define a cultura como um sistema múltiplo, do qual a literatura traduzida faz parte; o conceito de tradução suposta estabelecido por Toury nos Estudos Descritivos da Tradução e, ainda, a teoria da retradução, sob a perspectiva de Gambier e de Berman.

É intenção deste trabalho demonstrar que a obra *Dom Quixote das Crianças* sofreu influência do contexto histórico, social e político da época em que foi escrita, que é uma retradução e uma adaptação da obra de Cervantes e que hoje já não mais afeta o público infantil como na época de sua publicação. Justamente por isso, a necessidade de retraduzi-la se apresenta, trazendo-a para o momento presente, como forma de não a cristalizar e não a tornar superada aos olhos das crianças de hoje.

### 2.1. A TEORIA DOS POLISSISTEMAS

A Teoria dos Polissistemas (*Polisystem Theory ou Polisystem Study*) foi desenvolvida entre os anos finais da década de 1960 e os iniciais da década de 1970 pelo israelense Itamar Even-Zohar. Seus estudos evoluíram ao longo da década de 1980 e até os anos 1990 o autor continuou revendo seus conceitos e atualizando suas publicações. Os estudos objetivavam, inicialmente, explicar o comportamento da literatura israelense e das traduções literárias realizadas naquele período e naquela cultura.

Em síntese, Even-Zohar entende uma cultura como um grande sistema composto por subsistemas, caracterizando, então, um polissistema, que se relaciona com outros sistemas paralelos. Na visão de Even-Zohar, um polissistema é “um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas que se entrecruzam e em parte se sobrepõem, que empregam opções concorrentemente diferentes, mas que funcionam como um todo estruturado cujos membros são interdependentes.” (EVEN-ZOHAR, 1990).

Os polissistemas são dinâmicos e hierarquizados. Assim, cada sistema pode ocupar posições mais centrais ou mais periféricas dentro dele, de acordo com sua importância e poder. Nas posições mais centrais do polissistema literário encontra-se o repertório canônico. Nas posições mais periféricas encontra-se o repertório não canônico. Entretanto, existe uma tensão entre os sistemas que compõem esse polissistema, que faz com que o repertório não canônico

busque ocupar uma posição mais central e que obriga o repertório canônico a se atualizar e a não se cristalizar. Uma literatura periférica forte faz com que o sistema literário evolua continuamente.

Dentre os diversos sistemas que compõe o polissistema literário encontra-se o sistema de tradução literária. A literatura traduzida, assim como os demais sistemas, pode ocupar uma posição mais periférica ou mais central no polissistema literário. Em geral, ocupa uma posição periférica, com pouco poder e se submete aos modelos estabelecidos pelo cânone literário, cooperando na conservação do repertório canônico. Essa dinâmica tende a produzir traduções que se afastam dos modelos e normas da cultura de origem e se aproximam dos modelos existentes na cultura de chegada, buscando maior aceitação neste sistema cultural. No caso de culturas mais jovens ou com pequeno repertório literário próprio ou sistemas literários que ocupam posições periféricas no sistema cultural ou, ainda, em situações de crises e grandes mudanças, a literatura traduzida tende a ocupar uma posição mais central no polissistema, exercendo um papel inovador e importando padrões de outras culturas, transformando a cultura de que faz parte.

Desta forma, o objetivo dos pesquisadores do polissistema de traduções literárias é entender sua estratificação, as relações existentes entre os diversos sistemas que o compõem, as regras que regem esta dinâmica e o papel da tradução neste sistema.

Sob este ponto de vista, um esboço de lei geral da tradução proposto por Even-Zohar é assim definido:

*Em um sistema-alvo B, seja dentro do mesmo polissistema ou em um polissistema diferente — dependendo de se está estável ou em crise e se é forte ou fraco, em relação a um sistema-fonte A — um texto-alvo B será produzido de acordo com procedimentos de transferência mais as coerções impostas a estes pelas relações internas do polissistema-alvo, as quais ao mesmo tempo governam e são governadas pelo repertório de funções existentes e não existentes do polissistema-alvo. (EVEN-ZOHAR, 1990)*

Como podemos ver, uma tradução pode sofrer influência das normas estabelecidas naquele sistema tradutório, mas também pode estar influenciada pelo contexto cultural, social e político de uma época. Mais uma vez podemos explicitar a importância do conceito de polissistema para justificar que um texto pode sim envelhecer e necessitar de atualização para que deixe de refletir o contexto social, cultural e político da época em que foi escrito e passe a refletir o contexto social, cultural e político atual.

No caso específico da obra em estudo, a sessão que trata sobre o contexto histórico, social e político do Brasil em 1936, ano de publicação da obra, nos mostra como Lobato pode

ter sido influenciado tanto pelo momento político da Era Vargas quanto pelo Modernismo e ainda pela situação educacional precária no Brasil.

## 2.2. ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO

Os Estudos Descritivos da tradução (EDT) tiveram início no anos de 1970, a partir dos trabalhos realizados, primeiramente por James Holmes (*The Name and Nature of Translation Studies*, 1972), depois por Theo Hermans e, finalmente, por Gideon Toury que, assim como Even Zohar também revisou seus escritos durante a década de 1980 e republicou seus trabalhos posteriormente. Os EDT, desenvolvidos a partir da Teoria dos Polissistemas, assim com esta, entendem a cultura como um grande sistema, e a literatura traduzida como parte desse sistema.

Para Toury, a necessidade da tradução é geralmente determinada pela cultura-alvo e nela é produzida com o objetivo de ocupar um lugar ou preencher alguma lacuna nesse sistema cultural. O que significa que para ele era mais importante saber a função que a tradução iria desempenhar na cultura de chegada do que o processo pelo qual passou. Ainda, o objetivo de sua pesquisa era produzir explicações e não prescrições sobre a produção e a recepção das traduções em culturas e épocas variadas. Nesta perspectiva, o estudioso entende tradução como um conjunto de três postulados: o postulado do texto-fonte (*source-text postulate*), segundo o qual presume-se a existência de um texto anterior à tradução, que o precede; o postulado da transferência (*transfer postulate*), que entende que o processo de tradução envolve a transferência de características do texto-fonte para o texto-alvo, que a tradução retém e que passam a estar presentes em ambos os textos; e o postulado da relação (*relationship postulate*), que supõe a existência de relações que vinculem a tradução ao seu suposto texto-fonte.

Para que um texto exerça o papel de tradução não é essencial que os postulados se confirmem, mas que apenas sejam supostos pelo leitor, donde surge o conceito de tradução suposta, ou seja, para Toury tradução diz respeito a todo texto assumido como tradução em uma dada cultura. Para ele somente pode ser possível o estudo de uma tradução se ficar constatado que essa exerce função de tradução no sistema de chegada, quer dizer, se for recebida e tratada como uma tradução.

O conceito de norma também foi desenvolvido por Toury (1995), entendida como a tradução de valores gerais, ou ideias compartilhadas por uma comunidade quanto ao que é certo ou errado, adequado ou inadequado. Ou seja, as normas são padrões de comportamento adotados durante o processo de tradução, e que são aceitos por uma comunidade. O Tradutor tem sempre duas escolhas, aderir às normas do texto fonte ou aderir às normas do texto alvo.

Se o tradutor escolhe aderir às normas da cultura fonte a tradução é definida como adequada e se ele escolhe aderir às normas da cultura de chegada é definida como uma tradução aceitável. Todo texto traduzido deve conjugar um certo grau de adequação e um certo nível de aceitação.

Em linhas gerais, a partir da teoria de Toury a visão da tradução deixa de ser voltada à cultura/texto de partida e passa a ser orientada ao sistema de cultura alvo. Neste sentido, considerando a postura adotada por Monteiro Lobato de abrigar os textos de clássicos podemos analisar sua produção considerando-a como tradução a partir dos princípios estabelecidos nos EDT. Vejamos, o produto gerado é totalmente voltado ao sistema da cultura alvo, mesmo quando consideramos a tradução baseada na obra dos Visconde de Castilho, de Azevedo e Chagas, na qual era utilizado o português falado em Portugal e não o português falado no Brasil. Mais, o produto gerado, tratado como uma adaptação, é reconhecido pelo público brasileiro como uma tradução da obra de Cervantes e, por fim, o uso de uma linguagem mais coloquial brasileira é bastante representativo do movimento Modernista e de suas proposições em relação a importação de modelos de outras culturas.

A literatura infantil (LI) na época em que a obra foi publicada era insipiente e ocupava uma posição completamente marginal em nosso sistema literário. Os primeiros livros infantis traduzidos vinham de Portugal e, logicamente utilizavam o português luso. Somente após a Proclamação da República, em 1889, com a expansão do sistema escolar, surgiram traduções que utilizavam o português falado no Brasil, cujos principais tradutores foram Carlos Jansen, João Ribeiro e Figueiredo Pimentel.

No início do sec. XX surgiram escritores de literatura infantil tais como Julia Lopes de Almeida, Olavo Bilac, Manuel Bandeira e Coelho Neto. Neste período, como o país ainda não possuía uma tradição própria, continuava buscando referências externas. Embora a LI tenha se desenvolvido consideravelmente neste período, não causou a diminuição do número de traduções de livros infantis. Somente a partir de 1930 a atividade literária para crianças tornou-se regular no Brasil, com a participação de Viriato Correia, Érico Veríssimo, Carlos Lécio, Malba Tahan e Monteiro Lobato, sendo que foi a obra literária infantil de Monteiro Lobato que deslocou a LI da periferia para uma posição mais central do sistema literário, servindo de referência para muitos outros autores. Atualmente, mesmo com uma produção literária infantil consistente, a LI traduzida ainda encontra lugar no sistema literário brasileiro.

### 2.3. A TEORIA DA RETRADUÇÃO

*Cada época retraduz porque lê e escreve de outro modo.*  
(MESCHONNIC, 1970)

Para entendermos o conceito de retradução faz-se necessário, inicialmente, entender o conceito de tradução. Traduzir não é um mero exercício de substituição e não depende somente de um profundo conhecimento, por parte do tradutor, do par de línguas envolvidas no processo de tradução. O dicionário Houaiss define traduzir como transladar, transpor. Por consequência, retraduzir nos remete a traduzir novamente um texto que já foi traduzido anteriormente, a partir do texto original ou a partir de uma tradução anterior.

Segundo o verbete “Retradução” constante no *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, de autoria de Şehnaz Tahir Gürçağlar os textos mais traduzidos são os sagrados, os dramáticos e as obras literárias canônicas, em função de visarem atender a outros públicos ou a novos meios de divulgação. No tocante a textos literários, a retradução é vista de forma positiva, agregando uma nova visão ao texto. Já no tocante aos textos técnicos e científicos a retradução é vista como desnecessária e, muitas vezes, como algo a ser evitado ou mesmo banido.

A hipótese da retradução foi concebida por Antoine Berman na década de 1990. Para o teórico, por princípio, a tradução é um ato incompleto que somente pode atingir a completude mediante a retradução. O conceito de completude expresso por Berman passa pelo entendimento de que uma tradução somente é bem-sucedida quando se aproxima do texto fonte, representando o encontro do tradutor com a linguagem do texto original.

Gambier considera que a primeira tradução de um texto tende a ser mais neutralizadora, visando sua inserção na cultura de chegada. As traduções subsequentes mantêm mais características do texto de partida, diminuindo a distância entre o texto traduzido e o texto fonte. Na visão de Gambier, trata-se de um processo de melhoria contínua do texto traduzido.<sup>3</sup>

Outro aspecto da Teoria da Retradução diz respeito ao envelhecimento dos textos. Para Berman, os textos originais nunca envelhecem, enquanto as traduções envelhecem com o passar do tempo, razão pela qual as retraduições são necessárias. Entretanto, Berman também considera que algumas traduções não envelhecem, as “grandes traduções” são imunes a passagem do tempo. Outros teóricos, como Brisset, associam a necessidade de retraduições às mudanças que

---

<sup>3</sup> Entretanto, Brisset argumenta que nem sempre a primeira tradução é mais domesticadora, assim como, nem sempre as traduções subsequentes são mais estrangeirantes.

a língua sofre ao longo dos anos e à necessidade de atualização das palavras e terminologia utilizadas nas primeiras traduções.

Muitas razões têm sido apontadas para se retraduzir um texto, desde as mudanças no contexto cultural, social e político em que a obra estava inserida quando de sua publicação até fatores editoriais, tais como competitividade entre editoras e lucros com as republicações. Diante de todos esses argumentos, é inquestionável que retraduzir é uma prática corrente. Neste trabalho, a intenção de retraduzir é tão somente poder atualizar o texto de Monteiro Lobato, publicado em 1936, visando demonstrar que o processo pode significar o resgate da obra em estudo, fazendo com que as crianças de hoje voltem a se interessar pela obra infantil do autor.

### 3. A OBRA D. QUIXOTE DAS CRIANÇAS, DE MONTEIRO LOBATO

Esta seção, como já abordado anteriormente, está destinada a apresentar o escritor e tradutor, além da pessoa Monteiro Lobato e seu legado, tanto na literatura adulta, quanto na literatura infantil e na tradução. Visando contextualizar o momento em que a obra foi concebida, publicada e traduzida ao espanhol, discorreremos um pouco sobre o que acontecia no Brasil e no mundo na década de 1930, no campo político, econômico, social e cultural.

#### 3.1. MONTEIRO LOBATO: O HOMEM, O ESCRITOR E O TRADUTOR

*Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas!  
Temos que refazer tudo isso – abrigar a linguagem  
(LOBATO, 1956).*

José Renato Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, em 1882. É reconhecido como o maior escritor brasileiro de literatura infantil, fazendo com que a história desse gênero, no Brasil, esteja dividida entre antes e depois de dele.

Interessava-se por tudo o que dizia respeito às artes, literatura, pintura, desenho e sonhava cursar a Escola de Belas Artes. No entanto, por imposição de seu avô acabou na Escola de Direito, onde se tornou advogado e, posteriormente à conclusão de seu curso, foi nomeado promotor no município de Bicas, São Paulo. Após a morte de seu avô, abandonou o cargo e voltou a Taubaté para administrar a fazenda que herdara. Foi neste período, em que lhe sobrava muito tempo ocioso, que começou a dedicar-se a escrever. Publicou alguns livros de literatura adulta antes de dedicar-se à literatura infantil. Como politizado que era, escreveu também obras voltadas à conscientização dos brasileiros sobre a grandeza do país. Por suas manifestações políticas foi perseguido e preso em 1941.

Atuou também como tradutor, muitas vezes para pagar seu sustento. A tradução também era uma paixão. Trabalhou como tradutor por nove anos, tendo traduzido cerca de setenta e sete obras sobre filosofia, religião, história e ficção voltadas ao público adulto e infantil. Entre os clássicos da literatura infantil mundial traduziu Alice no País das Maravilhas (1933), Pinóquio (1933), Peter Pan (1930), Robson Crusoé (1930), As viagens de Gulliver entre outros, além de ter trazido para a literatura infanto-juvenil obras como Hans Staden (1927) e Dom Quixote de la Mancha (1936).

Começou a desenvolver o gosto por escrever histórias infantis enquanto observava sua esposa contando histórias para seus filhos. Em relação à literatura infantil brasileira, Monteiro

Lobato achava-a pouco atrativa para as crianças. Por isso, tanto em suas obras como nas traduções/adaptações de títulos estrangeiros, primou pelo uso de vocabulário ao alcance das crianças, tentando proporcionar aos pequenos leitores um mundo de fantasia e de sonhos.

Também foi um empreendedor, editando e vendendo os seus livros e os de outros autores brasileiros. Acreditava que o livro era um produto como outro qualquer e que, para difundir a cultura, poderia ser vendido em qualquer tipo de estabelecimento e não apenas em livrarias. No início do século XX, quando havia um número bastante restrito de livrarias no Brasil, visando expandir as fronteiras de sua obra, utilizou a estratégia de enviar cartas aos comerciantes em muitas cidades brasileiras, mesmo para as pequenas cidades e vilas, fazendo com que seus livros chegassem a todos os cantos do Brasil.

Foi adido cultural em Nova Iorque entre 1927 e 1931 e na década de 1940 transferiu-se para Buenos Aires, onde muitas de suas obras já tinham sido publicadas, inclusive a que é objeto desta pesquisa, publicada com o título *Don Quijote de los Niños*. A obra original, Dom Quixote das Crianças, foi adaptada da célebre obra da literatura espanhola, Dom Quixote de la Mancha, de autoria de Miguel de Cervantes Saavedra, cujo primeiro volume foi publicado em 1605 (*El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*), e o segundo volume em 1615 (*El ingenioso caballero Don Quijote de la Mancha*).

Como a obra espanhola não era dirigida ao público infantil, Monteiro Lobato não a traduziu simplesmente, adaptou-a à linguagem das crianças e ao universo brasileiro, publicando-a em 1936. Em 1937, a obra, já traduzida ao espanhol pelo argentino Benjamín de Garay foi publicada, em fascículos semanais, no periódico La Prensa, em Buenos Aires. No ano seguinte (1938) foi novamente publicado em Buenos Aires pela *Editorial Claridad* e posteriormente, em 1945, foi retraduzida por M. J. Sosa e mais uma vez publicada pela *Editorial Losada* e depois pela *Editorial Americalee*. Essas traduções não ficaram restritas ao público infantil argentino, atravessaram fronteiras e chegaram a países como Uruguai, Paraguai, Peru, Colômbia, Venezuela e México.

A versão que embasou a adaptação feita por Monteiro Lobato foi a dos Viscondes de Castilho e de Azevedo e Chagas publicada em Portugal nos anos de 1877 e 1878. Na história criada por Monteiro Lobato, o Quixote foi transformado em mais um personagem do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Na verdade, o personagem Dom Quixote aparece em outras obras de Monteiro Lobato, como O Sítio do Pica-Pau Amarelo e Memórias de Emília, anteriores a Dom Quixote das Crianças, como que preparando os pequenos leitores para sua publicação. A história contada pela carinhosa avó, Dona Benta, já no início, traz a explicação de que não se



trata de uma simples tradução da língua espanhola para a língua portuguesa, mas de uma adaptação para o contexto cultural brasileiro e para o público infantil.

Concebida como um romance destinado ao público adulto e transformada numa obra para o público infantil, transportada para uma realidade nacional e carregada de elementos de nossa “brasilidade”, entremeada pela fantasia e pelo mundo real., a obra de Monteiro Lobato não é uma simples tradução, mas uma adaptação da obra de Cervantes.

Em vários estudos sobre as traduções de clássicos da literatura feitas por Monteiro Lobato, apresentam-se diferentes opiniões acerca de serem traduções ou adaptações. No âmbito dos Estudos da Tradução, Bastin (1998) define adaptação como um procedimento tradutório, que resulta em um texto que não é geralmente aceito como tradução, mas é, mesmo assim, reconhecido como representativo do texto fonte. Ainda, segundo Frio (2013) esse procedimento abre espaço para acréscimos, omissões, criações, adequações culturais, e assim por diante, de modo a gerar um novo texto que seja culturalmente aceito ou, ainda que seja especialmente direcionado ao público-alvo pressuposto.

O próprio Monteiro Lobato caracteriza sua obra como uma adaptação do clássico de Miguel de Cervantes pois, logo no início do livro *Dom Quixote das Crianças*, Dona Benta esclarece:

*— Meus filhos [...] esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas. (LOBATO, 1936).*

A obra original de Cervantes possui, considerando os dois volumes, cento e vinte e seis capítulos enquanto a obra de Monteiro Lobato possui apenas vinte e nove capítulos. No capítulo XXIII, Pedrinho pergunta à Dona Benta se ela estava contando a história inteira ou só pedaços, ao que ela responde:

*Estou contando apenas algumas das principais aventuras de Dom Quixote, e resumidamente. Ah, se fosse contar o Dom Quixote inteiro a coisa iria longe! Essa obra de Cervantes é bem comprida; passa de mil páginas numa edição in-16<sup>4</sup>. Mas só os adultos, gente de cérebro bem amadurecido, podem ler a obra inteira e alcançar-lhe todas as belezas. Para vocês, miuçalha, tenho de resumir, contando só o que divirta a imaginação infantil. (LOBATO, 1936)*

Assim, fica bastante claro que Lobato adaptou a obra de Cervantes para as crianças e à realidade brasileira. Lobato situou-a dentro da realidade do Sítio de Dona Benta, fazendo com

---

<sup>4</sup> Formato utilizado pelas tipografias da época que correspondia ao tamanho de uma folha de papel padrão (aproximadamente 60 x 38cm) dobrada três vezes que resultava em dezesseis páginas.

que os personagens Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde de Sabugosa, Tia Anastácia e Dona Benta façam intervenções e comentários. Transformando Dom Quixote e Sancho Pança em personagens de ficção do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Na verdade, utilizou uma estratégia bastante semelhante à do próprio Miguel de Cervantes, quando transformou o primeiro livro de Dom Quixote em uma obra já publicada, contada e comentada pelos personagens de seu segundo livro. Lobato criou um universo ficcional (O Sítio do Pica-pau Amarelo) que funciona como realidade e, dentro dele, inseriu outro universo ficcional, o criado por Cervantes. Outro ponto de aproximação entre as duas obras é a relevância dada aos leitores e à cultura da leitura. Assim como Cervantes, Monteiro Lobato defendia a difusão da atividade de leitura e a construção de leitores.

Mas, o que será que aconteceu com o Quixote que saiu da literatura espanhola, passeou pela literatura infantil brasileira e chegou na literatura infantil latino-americana? Entender o processo de adaptação de Monteiro Lobato da obra de Cervantes, as escolhas feitas por ele e os mecanismos utilizados para a inserção deste texto na literatura infantil brasileira é essencial para propor uma retradução do texto, com o objetivo de atualizá-lo e transportá-lo para o século XXI.

Toda a “brasilidade” presente na obra de Monteiro Lobato foi preservada na tradução de Garay ou o tradutor utilizou de um processo de domesticação, transformando os personagens brasileiros em novos personagens mais próximos do contexto latino-americano? Essa tradução se manteve próximas a obra original ou se afastou dela?

### 3.2. DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS, CONTADO POR DONA BENTA

A obra Dom Quixote das Crianças, como já citado anteriormente, foi publicada no Brasil em 1936 e concebida por Monteiro Lobato não como uma tradução, mas como uma adaptação da obra de Cervantes, uma vez que o autor a situou dentro de uma outra obra de sua autoria. Nela a história do famoso cavaleiro andante espanhol é contada por Dona Benta aos netos e à boneca Emília. A avó seleciona somente os episódios que contam as aventuras do cavaleiro.

O primeiro capítulo da obra de Lobato trata da curiosidade de Emília a respeito do enorme livro guardado lá em cima da estante e de seu porte avantajado e da beleza da encadernação. A curiosidade é tanta que ela arma uma operação logística para tirá-lo da estante, terminando por derrubá-lo sobre o pobre Visconde de Sabugosa que fica completamente achatado. Pareceu-nos que o autor, figurativamente, traçou um paralelo entre a dificuldade acesso à leitura dos clássicos da literatura e a dificuldade que os leitores teriam para entendê-

lo, ficando tão soterrados pelo clássico quanto o Visconde ficou pelo enorme livro que caiu sobre ele. Após explicar aos netos de que obra se tratava, qual a sua importância no contexto literário e quem foi Miguel de Cervantes, a avó fala sobre a tradução e sobre os tradutores. Todo este primeiro capítulo, embora não seja um paratexto, como definido por Genette<sup>5</sup>, equivale a um prefácio, uma vez que traz informações relevantes que vão facilitar a leitura do texto em si.

A dificuldade de entendimento das crianças foi tanta que a avó, facilitadora, decide contar as histórias e não apenas lê-las. Pronto, está justificada a adaptação da obra, ao invés de sua simples tradução do espanhol para o português do Brasil.

Uma história dentro de outra história. Passamos a ter uma ficção (o Sítio do Pica-Pau Amarelo e seus personagens) transformada em uma realidade, falando sobre uma obra de fantasia que é a história original escrita por Miguel de Cervantes. A narradora conta a história e, a toda hora, é interrompida por uma das crianças ou por Emília para perguntar alguma coisa, tirar uma dúvida ou fazer um comentário. Durante o processo de narração, a avó também tece comentários e traça paralelos com esta realidade fictícia do universo criado por Lobato abordando assuntos como por exemplo a loucura e sua forma de tratamento e aceitação pela sociedade, ou editoração de livros, por exemplo.

Mas e a realidade do Brasil naquele momento? Que Brasil era esse de que Monteiro Lobato tanto falava?

### 3.3. CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E POLÍTICO NO BRASIL EM 1936

Não há como falar no momento cultural e social do Brasil na época em que a obra *Dom Quixote das Crianças* foi escrita sem falar no contexto econômico e político do país. Assim como falar do que acontecia no Brasil sem falar do que acontecia no mundo. A literatura é uma expressão de sua época e, com tal, é influenciada por esse contexto e, ao mesmo tempo, em que também influencia esse momento histórico.

Na época, o Brasil tinha uma economia baseada na agricultura, no extrativismo e na pecuária. A cultura da cana de açúcar no Nordeste, assim como a extração da borracha na região norte encontravam-se em declínio, o que gerava uma considerável discrepância social e econômica entre as regiões brasileiras e, originou conflitos sociais isolados, tais como a Revolta de Canudos, no sertão nordestino; o caso do Padre Cícero, em Juazeiro no Ceará; o fenômeno do cangaço; as Revoltas da Vacina e da Chibata, no Rio de Janeiro; as greves operárias em São

---

<sup>5</sup> Para paratextos ver Paratextos Editoriais de Gérard Genette (1987)

Paulo; e a Guerra do Contestado, na fronteira entre os estados do Paraná e Santa Catarina. A quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929 afetou consideravelmente a economia mundial e também a brasileira, fazendo com que o preço do maior produto de exportação brasileiro, o café, caísse tanto que obrigou os cafeicultores paulistas a queimarem o correspondente a quatro safras, na tentativa de forçar a alta do preço do produto no mercado internacional. Nesta época havia uma aliança entre os políticos paulistas e mineiros, conhecida como a política do café com leite, na qual os candidatos dos dois estados se alternavam na presidência da república.

A Revolução de 1930 interrompeu esta prática, alçando ao poder o gaúcho Getúlio Vargas, apoiado pelos políticos mineiros, e que assumiu o governo provisoriamente e posteriormente, foi eleito presidente do Brasil. Getúlio pode ser considerado o iniciador do populismo no Brasil, tendo criado, por exemplo o Ministério da Educação e Saúde, assim como uma série de empresas estatais e, ainda, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, institucionalizando diversos direitos trabalhistas até então não reconhecidos. Entretanto não devemos esquecer que, em 1937, Getúlio Vargas instituiu o Estado Novo, período ditatorial que durou até 1945, com sua morte. O mundo era um caldeirão efervescente, num período entre as duas guerras mundiais e o Brasil também estava dentro dele.

Monteiro Lobato, mesmo sendo um grande incentivador da cultura e da educação, devido as suas ideias sobre o petróleo e sobre o aço e a seu nacionalismo exacerbado, opôs-se frontalmente ao regime de Getúlio Vargas, fato que o levou à prisão em 1941 e que desencadeou a determinação da queima pública de muitos de seus livros, sendo tratado como subversivo, e fazendo-o exilar-se voluntariamente em 1946 na Argentina, onde alguns de seus livros já haviam sido publicados.

Paralelamente a esse contexto político, nas primeiras décadas do século XX, surgiram os primeiros movimentos nacionalistas nas artes em geral, inclusive na literatura e, com isso, os primeiros representantes do Modernismo brasileiro, que teve como marco inicial a Semana de Arte Moderna em 1922. O movimento modernista tinha como principais características a ruptura com valores do passado e a busca por uma linguagem brasileira, tendendo ao nacionalismo. Em 1917, Monteiro Lobato havia publicado um artigo intitulado "Paranoia ou mistificação?" no qual criticava uma exposição da pintora Anita Malfatti, e no qual dividia a arte de acordo com interpretações pessoais, citando duas espécies de artistas: "os que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura" e os que "veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes". Esta crítica foi muito mal recebida pelos modernistas e, apesar de seu regionalismo e nacionalismo, alijaram-no do Movimento Modernista. Mas, Monteiro Lobato provou-se um

modernista através de seus textos. Seu nacionalismo, a preocupação com uma definição da cultura brasileira, o desenvolvimento do seu pensamento editorial e a resistência a uma sociedade consumidora de cultura estrangeira de massa o aproximou intelectualmente do movimento. Entretanto, somente muitos anos após a Semana de Arte Moderna Monteiro Lobato foi reconhecido como um pré-modernista.

Os autores do pré-modernismo tinham como características comuns a quebra dos padrões anteriores já estabelecidos, a ruptura com a linguagem acadêmica e artificial, a problematização e denúncia da realidade sociocultural brasileira, o regionalismo e o nacionalismo, e a exposição de personagens como o operário suburbano, o mulato, o caipira interiorano e o imigrante. As obras “Os sertões” de Euclides da Cunha e “Canaã” de Graça Aranha são consideradas o marco inicial do período Pré modernista. Também podemos citar como legítimos representantes do Pré modernismos outros importantes autores como Lima Barreto e Augusto dos Anjos, além de Monteiro Lobato.

### 3.4. BENJAMÍN DE GARAY - O TRADUTOR

*... lo que ha de ambicionar el traductor es el de transportar el contorno de la obra maestra, dejando que la imaginación del lector intuya la catarata de belleza que dentro de ese contorno se encierra* (GARAY, 1942)

Benjamín de Garay foi um intelectual argentino que viveu no Brasil entre os anos de 1920 e 1930, apaixonado pela literatura, em especial pelo drama. Circulava entre a elite intelectual paulistana e carioca, onde teve contato com vários escritores brasileiros. Atuou como tradutor e como divulgador dos escritores brasileiros na Argentina e dos escritores argentinos no Brasil. Foi colaborador da Revista do Brasil, dirigida por Monteiro Lobato, tornando-se seu amigo e responsável pela tradução e publicação da maioria de suas obras na Argentina.

No início do século XX, até a década de 1940, foi o tradutor literário mais atuante do par de línguas português-espanhol. Traduziu também algumas das obras que figuraram na Biblioteca de Autores Brasileiros Traduzidos ao Castelhana, projeto argentino idealizado por Ricardo Levene<sup>6</sup> que tinha por objetivo estreitar as relações intelectuais entre escritores e professores brasileiros e argentinos. Traduziu diversas obras brasileiras, tais como Urupês, de Monteiro Lobato, Os Sertões de Euclides da Cunha e Casa Grande e Senzala de Gilberto Freire.

---

<sup>6</sup> Ricardo Levene foi um historiador e professor universitário argentino, que em parceria com Benjamín de Garay conduziu um projeto de publicação de autores brasileiros na Argentina e que fazia um paralelo com um projeto brasileiro de publicação no Brasil de obras de autores argentinos, buscando a aproximação cultural dos dois países. Ver: ALBIERI, Thais de Mattos. **São Paulo Buenos Aires:** a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina.

#### **4. A RETRADUÇÃO DE DON QUIJOTE DE LOS NIÑOS PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL ATUAL**

A obra em estudo neste trabalho, elaborada por Monteiro Lobato em 1936, foi concebida em um outro tempo, em uma outra realidade do Brasil, para crianças muito diferentes das que vemos hoje em dia. Lobato era um escritor preocupado com a formação dos pequenos leitores, imprimindo, assim, um caráter pedagógico em suas obras. A literatura infantil sempre exerceu o papel pedagógico além do de entreter e formar leitores. Além disso, Lobato também queria formar cidadãos conscientes e preocupados com o futuro do Brasil. O universo paralelo criado por ele com o Sítio do Pica-Pau Amarelo mesclava a ingenuidade e a fantasia das crianças com temas reais, inserindo-as, mesmo sem perceberem, na realidade de nosso país.

O texto em estudo foi concebido a partir da primeira tradução da obra de Cervantes para o português feita em 1875/1876 pelos Visconde de Castilho e de Azevedo e por Pinheiro Chagas. É curioso pensar que, apesar da obra de Cervantes datar do início do século XVII, somente no final do Século XIX tenha sido traduzida para o português. Uma das explicações possíveis é a proximidade entre o par de línguas espanhol - português. É possível que os portugueses quisessem ler, ou se contentassem em ler a obra a partir do texto original em espanhol. De qualquer forma, esta tradução somente foi publicada no Brasil em 1943, ou seja, quando Monteiro Lobato publicou seu Dom Quixote das Crianças, grande parte do público brasileiro ainda não tinha acesso a obra original de Dom Quixote escrita por Miguel de Cervantes, razão pela qual a obra de Lobato foi recebida como uma reescritura da obra de Cervantes.

Como o texto de Lobato se baseou na tradução lusa, conceitualmente já podemos entendê-la como uma retradução, mas ela não se limitou a isso, uma vez que foi inserida dentro do universo do Sítio do Pica-pau Amarelo. Assim, também podemos entendê-la como uma adaptação ou talvez como uma apropriação da obra de Cervantes.

Lobato transformou-a em obra infantil, abasileirou a linguagem. Promoveu uma melhoria do texto? Talvez. Uma melhoria do texto de Cervantes e do texto dos Viscondes de Castilho, de Azevedo e de Chagas, considerando o objetivo que almejava para sua obra: atingir o público infantil brasileiro. E lá se foram oitenta e três anos e, após comparação do texto original da primeira edição de Dom Quixote das Crianças e do texto da edição que hoje está à venda nas livrarias, constatamos que ele continua basicamente o mesmo, praticamente sem alterações. Mas, se olharmos com mais atenção, o que aconteceu com a brasilidade que era característica de Lobato? O Brasil não é mais o mesmo, as crianças não são as mesmas,

entretanto, o texto continua o mesmo! Esse texto que teve a pretensão de renovar o texto de Cervantes e a tradução dos Viscondes de Castilho e de Azevedo e Chaga envelheceu. Ficou congelado lá em 1936.

Daí nasceu a ideia de rever o texto, de poder contribuir com os pequenos leitores brasileiros e com a literatura infantil brasileira. Fizemos então o exercício de retraduzi-lo parcialmente a partir de sua tradução ao espanhol latino-americano elaborada por Benjamín de Garay e publicada em Buenos Aires em 1938 e, posteriormente, o comparamos com o texto da primeira edição de Dom Quixote das Crianças, publicada por Lobato em 1936.

#### 4.1. PROJETO DE RETRADUÇÃO

Para o desenvolvimento deste exercício de retradução, considerando que seria inviável a retradução da obra completa em tão curto espaço de tempo, buscamos uma forma de selecionar uma amostra que fosse representativa da obra de Lobato e também da obra de Cervantes, na qual pudéssemos observar que premissas tinham sido adotadas por Lobato em sua adaptação da obra de Cervantes. Para tanto, utilizamos um trabalho sobre as adaptações do Quixote publicadas no Brasil, elaborado pela pesquisadora da USP, Silvia Cobelo<sup>7</sup>, no qual são comparados com a obra original as dez adaptações mais republicadas no Brasil, entre elas a de Monteiro Lobato.

Cobelo utilizou uma metodologia que, mediante comparação de determinados assuntos abordados no texto de Cervantes com os textos das adaptações estudadas, demonstrou em quais capítulos as adaptações mais se aproximavam ou mais se afastavam da obra original. No caso específico da adaptação de Monteiro Lobato, após análise dos gráficos gerados por Cobelo, selecionamos o capítulo VIII da primeira parte da obra de Cervantes, que corresponde ao capítulo VI da obra de Monteiro Lobato (Primeiras aventuras em companhia de Sancho), por ser aquele que, no conteúdo integral dos dois volumes da obra, mais se aproxima do texto de Cervantes. Curiosamente, é um episódio bastante significativo e conhecido da história do cavaleiro, o episódio da luta contra os moinhos de vento.

Neste trabalho, procuramos demonstrar que um texto de um autor consagrado, assim como as traduções, pode envelhecer em função das mudanças do contexto social, cultural e político a que estava submetido inicialmente, e merece ser atualizado para que possa continuar

---

<sup>7</sup> COBELO, Silvia. **As adaptações do Quixote no Brasil (1886-2013)**: uma discussão sobre retraduições de clássicos da literatura infantil e juvenil. 2015. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI:10.11606/T.8.2015.TDE-11092015-150808. Acesso em: 2019-10-29.

a ser tão valorizado no polissistema literário brasileiro e no polissistema de literatura traduzida brasileira quanto o era quando de sua publicação em 1936.

Para demonstrar a possibilidade de atualização do texto de Lobato partimos do texto traduzido por Garay em 1938, retraduzindo-o de volta ao português do Brasil atual. Admitimos que, mesmo que o processo não tenha origem no texto fonte original de Lobato, ainda assim, trata-se de uma retradução indireta, ou seja, utilizando um texto, em outro idioma que não o português para traduzir novamente o texto de Lobato. Na sequência fizemos o cotejo com o texto da primeira edição da obra de Lobato. Os textos utilizados neste trabalho (o da primeira edição de *Dom Quixote das Crianças* publicado em 1936 em São Paulo e da primeira edição da tradução feita por Garay, publicado em 1938 em Buenos Aires) foram fornecidos em microfilmes pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, exclusivamente para o desenvolvimento desta pesquisa, e digitalizados pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE.

#### **4.1.1. Premissas Adotadas**

Ao longo do exercício de retradução observamos alguns aspectos que merecem comentários, embora não sejam o foco principal desta pesquisa. Por exemplo, a tradução de nomes próprios é sempre um ponto polêmico dentro dos Estudos da Tradução. O senso comum, atualmente, é de que não devem ser traduzidos, mas, nem sempre foi assim. Rebelo Gonçalves<sup>8</sup>, no Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa (1947), recomendava dar uso normal às formas vernáculas de apelidos estrangeiros de renome, designadamente de escritores, eruditos e cientistas, sempre que essas formas tivessem tradição ou, embora não a tendo, resultassem de correto aportuguesamento. Entretanto, atualmente, considerando o maior contato com outros idiomas, algumas formas de nomes estrangeiros tornaram-se mais familiares, passando a ser adotadas mais livremente em nossa literatura com a mesma grafia da língua de origem.

Segundo Nord<sup>9</sup> (2003, apud SILVA, 2016), a tradução é um processo de transferência linguística e/ou cultural, sendo, portanto, cabível a tradução de nomes próprios. Tratando-se de literatura infantil, e com o foco de aproximar o texto aos pequenos leitores, muitos tradutores trazem para a língua de chegada os nomes próprios, sejam de personagem, sejam de lugares.

---

<sup>8</sup> Francisco da Luz Rebelo Gonçalves foi um dos maiores filólogos e lexicógrafos da língua portuguesa. Autor do Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa, uma das obras que embasou o texto final do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

<sup>9</sup> Christiane Nord é autora do modelo de análise textual aplicado à tradução, de textos literários ou não, que considera o tradutor como um produtor de texto, que, munido das intenções do produtor de texto da cultura de partida, produz, na cultura de chegada, um novo instrumento comunicativo (1991).



No caso específico da obra em estudo, podemos observar que esta foi exatamente a postura de Benjamín de Garay, traduzir para o espanhol o nome dos personagens, assim como os topônimos.

Entretanto, pode-se observar que a regra adotada na Literatura Infantil (LI) nem sempre é a mesma para todos os nomes próprios de um mesmo texto. Encontramos casos em que, em uma mesma obra, alguns nomes estão traduzidos ou adaptados à cultura alvo e outros permanecem grafados como no texto fonte. No texto em estudo, podemos separar os nomes próprio em dois grandes grupos: os que já faziam parte da obra de Cervantes e os que fazem parte apenas da obra de Monteiro Lobato.

No caso dos nomes que fazem parte da obra de Cervantes, que já foram traduzidos em muitas línguas além do português, esses já estão consagrados e, na proposta de retradução, foram mantidos como já conhecidos pelo público, apenas com uso de correspondências etimológicas, tais como *QuiJote/ QuiXote*, *PanZa/ PanÇa*, *BriareO/ BriareU*. No caso específico do nome da personagem Diego Pérez, considerando a semelhança de grafia e a facilidade de leitura do nome em espanhol, optou-se por mantê-lo com a grafia espanhola, até mesmo para marcar a nacionalidade da personagem.

Em relação ao topônimo *La Mancha*, também se optou por mantê-lo como no original em espanhol, já que diz respeito ao nome da região espanhola La Mancha, embora Lobato em seu texto, quando refere-se a Dom Quixote, utilize a expressão “o herói da Mancha”. O uso apenas do vocábulo Mancha poderia gerar no público infantil um entendimento errôneo, transformando o herói manchego no herói que traz uma mancha, ou uma mácula.

No caso dos nomes próprios encontrados apenas na obra de Monteiro Lobato, ou seja, dos personagens por ele criados, visando não descaracterizar o texto original e, considerando que fazem parte de uma coletânea de livros que compõem a obra infantil do autor<sup>10</sup>, optou-se por empregá-los exatamente como aparecem nos textos originais, apenas com as devidas adaptações ortográficas, com é o caso da grafia do nome da boneca Emília, que na edição original de 1936 não era acentuado.

Uma das premissas da obra infantil de Monteiro Lobato é o uso de linguagem acessível e compreensível pelas crianças, que provoca o interesse e estimula a imaginação dos pequenos. De acordo com Yunes (1982)<sup>11</sup>, a literatura infantil de Monteiro Lobato não menospreza a criança, transformando-se em um canal privilegiado de intervenção na sociedade. Com essa intenção, Lobato reinventou a língua portuguesa, imitando a espontaneidade das

<sup>10</sup> A coleção Sítio do Pica-pau Amarelo é composta de vinte e três títulos, publicados entre os anos de 1921 e 1947.

<sup>11</sup> YUNES, Eliana. Presença de Lobato. Rio de Janeiro: Divulgação e pesquisa, 1982.

crianças e retirando os adornos literários de seus textos. Algumas expressões utilizadas pelos personagens, tornaram-se célebres, como é o caso de “cara de coruja” e de “cara de coruja seca”, que não têm um significado explícito, são apenas xingamentos colocado na boca da boneca Emília pelo autor, xingamentos de crianças, como cara de mamão ou qualquer outra coisa. Talvez o autor tenha querido trazer a imagem de alguém que pensa ser mais esperto que os demais, mas no entendimento de Emília não tem nada de esperto. A expressão lobatiana “cara de coruja seca” tão conhecida pelos leitores de Lobato e utilizada em diversas de suas obras, neste projeto de retradução, foi mantida inalterada, visando não descaracterizar a obra. Embora não possua um significado explícito, todos entendem o que o autor quis dizer ao empregá-la, não havendo motivos para sua retirada ou substituição por outra que não guarda relação com a obra do autor.

Observamos que no texto traduzido por Benjamín de Garay existe um uso constante de diminutivos, principalmente na composição dos diálogos dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, talvez na tentativa de imitar a fala das crianças. Os diminutivos existentes no texto deste capítulo em espanhol são todos formados por adição do sufixo *ito*, o mais usual na língua espanhola. Na proposta de retradução foi empregado, preferencialmente, o sufixo *inho*, o mais utilizado na formação de diminutivos na língua portuguesa, guardando uma relação de proximidade com o texto original de Lobato.

Em algumas situações verificamos que o original de Lobato não utilizava diminutivos ou a palavra nem mesmo existia em seu texto, foi um acréscimo da tradução de Garay. No entanto, a manutenção desses na retradução traz uma maior informalidade ao texto. Em relação ao termo *solito*, tanto na retradução quanto no original de Lobato foi utilizado o termo *sozinho*, que já traz o sufixo *inho* e, portanto, já apresenta um valor superlativo.

#### 4.2. ANÁLISE CRÍTICA COMPARATIVA ENTRE A RETRADUÇÃO A PARTIR DA TRADUÇÃO DE BENJAMÍN DE GARAY E O TEXTO ORIGINAL DE MONTEIRO LOBATO

Como já citado anteriormente, após os protestos de Emília, Narizinho e Pedrinho a respeito do texto dos Viscondes de Azevedo e Castilho e Chagas, Dona Benta passa a contar a história do cavaleiro manchego com suas próprias palavras, permitindo-se alguns acréscimos, omissões, adaptações e comentários ao texto da tradução portuguesa. Neste momento, Monteiro Lobato transforma um texto escrito em um discurso oral, com linguagem bem mais coloquial.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> As definições são do Prof. Elie Bajard. Ver: BAJARD. Ler e dizer-compreensão e comunicação do texto escrito. São Paulo, 1994.

Os textos de literatura infantil, em geral, são repletos de coloquialidades, já que o domínio do léxico e a compreensão geral do idioma são mais limitados nos pequenos leitores, que muitas vezes ainda não estão plenamente alfabetizados, necessitando de auxílio para a leitura e compreensão das obras. Desta situação advém a figura do mediador, que no caso de Dom Quixote das Crianças é representado por Dona Benta, a avó que lê ou reconta as histórias para os netos e outros personagens. Na primeira edição da obra de Lobato, o próprio título “*Dom Quixote das Crianças contado por Dona Benta*”, já trazia esta informação, enfatizando que se tratava de uma obra para ser contada às crianças e não lida por elas. Com isso, Lobato resgata a leitura em voz alta, comum nos lares brasileiros e nas áreas rurais nos séculos passados, inclusive por conta do alto índice de analfabetismo no Brasil no período em que foi escrita a obra em estudo.

A obra infantil de Lobato é caracterizada pela facilitação na linguagem. Ainda no segundo capítulo, intitulado “*Dona Benta começa a ler o livro*”, a avó explica que a tradução dos Viscondes de Castilho, de Azevedo e Chagas está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão porque se tornou clássica (LOBATO, 1936), ao que Emília reage dizendo: “*Nós que não somos viscondes nem viscondessas, queremos estilo clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido.*” (LOBATO, 1936).

Considerando a opção do próprio autor de utilizar um estilo bem transparentinho, fácil de ser entendido, buscamos retraduzir o texto de Benjamín de Garay utilizando expressões populares próprias do português do Brasil atual, adequado às crianças de hoje, sem, no entanto, deixar de observar a norma culta e empregando expressões o mais perenes possível, para que a proposta de retradução não incorra em desatualização em curto espaço de tempo.

O texto em estudo encontra-se repleto de expressões da fala popular. Entretanto, considerando que o texto foi publicado em 1936 e traduzido em 1938, tais expressões já não cumprem estas finalidades, em função de sua desatualização. Algumas delas talvez não sejam nem mesmo conhecidas pelas crianças de hoje. Assim, na retradução procuramos substituí-las por outras, que sejam identificadas pelos pequenos leitores, tornando a leitura mais atraente e prazerosa, com o devido cuidado, como já comentado anteriormente, de não empregar expressões que possam fazer com que a proposta de retradução fique desatualizada em curto espaço de tempo.

Na proposta de retradução aqui apresentada, como já citado anteriormente, partimos do texto traduzido por Garay, o retraduzimos e posteriormente o comparamos com o texto original de Lobato. Na tabela abaixo, elencamos apenas aquelas expressões que sofreram alterações significativas na proposta de retradução:

Benjamín de Garay	Proposta de Retradução	Monteiro Lobato
de engaña pichanga	de faz de conta	de mentira/ coisas assim
la fortuna empieza a favorecernos.	a sorte está do nosso lado.	a fortuna começa a favorecer-nos.
yo doy buena cuenta de todos esos monstros	acabo com todos eles	dou conta dos monstros
clavó las lloronas en los huesos a Rocinante	Cravou as esporas nos ossos de Rocinante	Cravos as rosetas nos ossos de Rocinante
partió como un bólido	partiu como um foguete	partiu aos berros
graciosas cabriolas en el aire	Aos pedaços	Em pandarecos
no quiso hacerme caso	não quis me ouvir	não me deu crédito
para quitarme la gloria de vencer	para tirar-me o gostinho de vencer	para tirar-me a honra de vencer
haya lo que haya y salga lo que salga	haja o que houver, do jeito que for	haja o que houver

O termo *engaña pichanga*, segundo a Real Academia Espanhola (RAE) atualmente grafado como *engañapichanga*, é utilizado na região do Prata, especialmente na Argentina. Refere-se a uma coisa que engana por sua aparência, sinônimo para *engañabobos*, por isso foi traduzida como uma coisa “de faz de conta”, semelhante ao que Lobato propôs (de mentira), sem perda de significado.

A expressão “a fortuna começa a favorecer-nos”, usada por Lobato em seu texto, tem origem na expressão latina *fortes fortuna adjuvat*, que é um incentivo a assumir riscos e a praticarmos a autoconfiança, explicitando que o sucesso depende de decisões arriscadas, audaciosas, tais como a de Dom Quixote de combater o suposto exército de gigantes. A proposta de retradução traz uma forma mais simplificada dela, com linguagem ao alcance das crianças, sem perder a referência à citação inserida no texto por Monteiro Lobato.

A expressão *dar buena cuenta*, constante no texto em espanhol, de acordo com a RAE, significa *dar fim a algo o consumirlo*, foi atualizada para “acabo com”, que de nenhuma forma se opõe ao significado “dar conta de” empregado por Lobato.

O termo *llorona*, empregado por Garay, na Argentina e no Uruguai, é sinônimo de *nazarena* e é definido pela RAE como esporas grandes tradicionalmente usadas pelos gaúchos. Na língua portuguesa existe o termo roseta, entretanto, menos conhecido pelo público infantil, à exceção das crianças que vivem em um ambiente rural. Assim, a opção adotada na proposta de retradução foi o uso do termo espora, visto que não tem um cunho regional, é mais genérico e, provavelmente, não seria um empecilho a compreensão do texto pelos pequenos leitores.

A expressão “*partió como un bólido*” utilizada por Garay, é, na verdade, um acréscimo ao texto de Monteiro Lobato, mas a ideia do tradutor foi de mostrar que o personagem não esperou nem um segundo a mais para atacar os moinhos de vento. A opção de retradução

utilizada foi de trazer uma imagem bastante infantil e de uso corrente, substituindo-a por “partiu como um foguete”, mostrando a velocidade com que a ação se deu.

A substituição que Garay fez da expressão “em padarecos”, usada por Lobato, empregando a expressão “*graciosas cabriolas em el aire*”, alterou o significado proposto pelo autor. Talvez tenha sido utilizada pela dificuldade de compreender e traduzir o significado da expressão, encontrando uma outra com o mesmo significado em espanhol. De acordo com o dicionário Aulete Digital, pandarecos é sinônimo de cacos, pedaços, frangalhos. Assim, a opção de retradução foi de usar “aos pedaços”, retomando o sentido original do texto, com uma expressão usada na atualidade, visto que poucas crianças atualmente empregariam ou entenderiam a expressão “em pandarecos”.

No caso de “*no quiso hacerme caso*”, a opção de retradução foi utilizar “não quis me ouvir”, que não alterou o sentido original do texto e permite uma melhor compreensão pelas crianças, que podem não entender perfeitamente a expressão “não quis me dar crédito”, empregada por Lobato no texto original.

Na literatura infantil, o texto e as imagens trabalham juntos para facilitar a compreensão da criança e para estimular sua imaginação. Especificamente em relação ao texto, os autores utilizam alguns artifícios para atrair a atenção dos pequenos, como o emprego da ordem direta nas orações, períodos curtos e de recursos linguísticos que visam tornar o texto mais rico e expressivo, por exemplo as figuras de linguagem, que utilizam o sentido não literal de palavras e expressões.

O texto de Monteiro Lobato é recheado de figuras de linguagem, principalmente onomatopeias, comparações e metáforas, facilmente identificáveis. A tradução de Benjamín de Garay primou por não o descaracterizar neste sentido. Muitas foram traduzidas, algumas omitidas e algumas acrescidas. Assim, este foi um outro grupo de expressões que procuramos atualizar na retradução do capítulo em estudo.

Em geral, as figuras de linguagem mereceram especial atenção no processo de retradução, pois exigiram que a tradutora conhecesse o valor cultural tanto no texto de Garay quanto no texto de Lobato para que fossem traduzidas/atualizadas, o que envolve muito mais do que conhecimento linguístico, pois fazem parte de uma conceituação de mundo que podem nem mesmo existir na língua para a qual estão sendo traduzidas.

Van Der Broek (1981), seguindo os princípios dos Estudos Descritivos da Tradução, propõe estratégias de solução para a tradução de metáforas e não prescrições ou normas de como traduzi-las, apresentando as seguintes possibilidades de tradução nesta situação:

A primeira estratégia apresentada é a tradução *stricto sensu*, na qual propõe-se transferir o tópico e o veículo da língua fonte para o texto alvo. Por exemplo: a expressão “*Yo os haría harapos del mismo modo*”, traduzida como “eu vos faria em farrapos, igualzinho”, sem perda de compreensão do significado. Tanto no espanhol como no português o valor metafórico é o mesmo.

A tradução *stricto sensu* nem sempre é a melhor solução para tradução de metáforas porque, muitas vezes não é eficaz, não remete a uma expressão de uso corrente popular, podendo dificultar a compreensão ou perda do valor literário pretendido pelo autor. Por exemplo a frase usada por Garay “*un caballero sin lanza es como un pozo sin balde: no sirve para nada*” se traduzida como “um cavaleiro sem lança é como um poço sem balde, não serve para nada” seria compreendida, mas provocaria um certo desconforto no leitor por não ser uma metáfora de uso corrente na língua portuguesa. Na impossibilidade de encontrar uma outra metáfora usada na língua portuguesa com o mesmo valor semântico da usada por Garay, a opção foi de traduzi-la parcialmente para “um cavaleiro sem lança não vale nada”. A segunda estratégia apresentada é a substituição da metáfora por outra parecida na língua alvo para que o leitor compreenda o conteúdo. Por exemplo: “*Me hice la loca*”, traduzida como “me fiz de boba”; e “*cara de sinvergüenza*”, traduzida como “cara lavada”. A terceira estratégia apresentada por Van der Broek é a paráfrase, ou seja, a interpretação da metáfora da língua fonte como uma expressão não metafórica na língua alvo.

No caso da tradução de onomatopeias, como por exemplo “*fugt, fugt*”, empregada por Garay e por Lobato (“fuqt, fuqt”), optamos por mantê-la, por entender que cumpre a função de imitar o som que Quindim estaria emitindo ao tentar atacar o homem. Como as onomatopeias simbolizam um som representado através da grafia de uma palavra e não existem regras de grafia para onomatopeias, passamos a grafá-la com c e não com q, de modo a simplificar sua grafia e facilitar a leitura.

Algumas comparações utilizadas por Garay são diretas como, por exemplo “*como si fuera Don Quijote con su lanza*”, que foram traduzidas literalmente. Existem, ainda, no texto algumas outras comparações que achamos por bem omitir parcialmente em função de que, na atualidade, talvez não fossem muito bem recebidas pela sociedade. Apresentamos dois exemplos de proposição de omissão na retradução. A primeiro é a comparação “*Como un perrito cuando le cortan la cola*” retraduzida por “como um cachorrinho quando se machuca”: apesar da existência da expressão, quase literal, no texto de Monteiro Lobato, hoje, no Brasil,

cortar cauda de cães é considerado mutilação, sendo proibido por lei<sup>13</sup>. Assim, entendemos que, considerando tratar-se de um livro infantil, não seria adequado constar tal expressão na retradução, o que poderia ser visto como uma apologia ao maltrato de animais. A tradução proposta ainda traz uma comparação que mostra a sensação de desconforto e dor do animal sem, no entanto, ter sido causada por um ser humano. A segunda comparação que optamos por omitir na retradução foi “a *lo mujercita*” por entendermos que se trata de uma expressão pejorativa, com caráter depreciativo ao gênero feminino, contrário ao conceito de igualdade de gênero. A expressão não existia no texto original de Lobato e sua exclusão não prejudica de nenhuma forma o entendimento do texto. Assim, na impossibilidade de utilizar uma outra expressão que não fosse pejorativa, optamos por retirá-la da proposta.

---

<sup>13</sup> A Constituição Federal veda práticas que submetam os animais à crueldade ([artigo 23, inciso VII](#); e [artigo 225, § 1º e inciso VII](#)) e o [artigo 32 da Lei de Crimes Ambientais](#) (nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998) considera crime as práticas de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta de Monteiro Lobato como tradutor ampliou minha admiração sobre este tão ilustre escritor brasileiro que conheci ainda criança. A descoberta da adaptação de Lobato da obra de Cervantes que foi posteriormente traduzida ao espanhol por Benjamín de Garay instigou-me a conhecer muito mais sobre Cervantes e o Quixote, Monteiro Lobato, a literatura infantil e a tradução literária na América Latina. A ideia inicial era somente propor uma crítica ou uma retradução ao espanhol desta obra fantástica, mas aos poucos outras possibilidades foram surgindo e, naturalmente, foi necessário fazer um recorte bastante específico para viabilizar este trabalho. Visando melhor preparar-me para a elaboração deste TCC, busquei cursar disciplinas como Introdução à Teoria da Literatura, Tópicos Especiais em Literatura Infantil e Juvenil e Cervantes e o Quixote que, embora não façam parte da grade do curso de Letras - Tradução Espanhol, muito contribuíram para o meu entendimento da obra de Cervantes e da adaptação feita por Lobato.

A proposta final continuou a ser fazer uma retradução, mas não para o espanhol. Afinal, o propósito é poder contribuir com os leitores brasileiros, com a literatura nacional e principalmente com os Estudos da Tradução. O aprofundamento no estudo da obra Dom Quixote das Crianças mostrou que o texto de Lobato publicado em 1936 em pouco, ou quase nada, foi alterado ao longo do tempo, apesar das inúmeras edições e republicações nesses oitenta e três anos. Assim, optamos por fazer uma retradução, partindo do texto em espanhol e confrontando-o com o texto original de Lobato. O cotejo com o texto de Lobato só foi feito após concluída a retradução, justamente para evitar a influência do texto deste escritor já consagrado mundialmente. Não queria sentir-me intimidada na presença de Lobato. Mais uma vez foi necessário fazer novo recorte, pois inúmeras eram as possibilidades de abordagem do tema. Desta vez, optamos por focar na coloquialidade da escrita de Lobato e no envelhecimento do texto por conta das expressões e do léxico utilizados. Afinal, que criança de hoje sabe o que quer dizer “em pandarecos”?

A obra de Lobato tem sofrido muitas críticas, por exemplo, a respeito de racismo e eugenismo. Quando Dom Quixote das Crianças foi publicado não havia se passado nem cinquenta anos desde a libertação dos escravos no Brasil. Isso não é uma justificativa, mas uma explicação plausível sobre o uso de expressões hoje vistas como racistas ou eugenistas. Precisamos vê-las como uma expressão de seu tempo, que carece de atualização de acordo com a visão de mundo dos leitores de hoje, anteriormente o uso de determinadas expressões não causaria estranheza nos leitores, como hoje causa. A coincidência de a obra ter entrado em



domínio público em 2019, reforçou nosso entendimento de que era oportuna uma proposta de atualização do texto. Para tanto buscamos embasamento na Teoria dos Polissistemas, nos estudos Descritivos da Tradução e na Hipótese da Retradução, visando demonstrar que toda obra está intimamente relacionada a um contexto social, cultural e político da época em que se situa e que um texto nunca é definitivo. Sempre pode ser aperfeiçoado. Neste sentido, é razoável afirmar que Dom Quixote das Crianças merece ser atualizado para o contexto atual e que, provavelmente, ainda o será muitas outras vezes para permanecer vivo no imaginário infantil.

O capítulo escolhido é talvez o mais conhecido da obra de Cervantes. A luta contra os moinhos de vento é a própria metáfora do pensamento quixotesco, mas esta não foi a única razão para sua escolha. A proximidade do texto de Lobato com o texto original de Cervantes também contribuiu para que nos debruçássemos sobre ele. O objetivo era propor a renovação do texto sem descaracterizá-lo e, neste sentido, optamos por manter inalterado os nomes de personagens e expressões lobatianas características de sua obra. No entanto, algumas outras expressões que poderiam acirrar a polêmica a respeito da obra de Lobato foram suprimidas total ou parcialmente da proposta de retradução, tais como chorar como um cãozinho quando lhe cortam a cauda, inaceitável na visão contemporânea. Entre as premissas deste trabalho estavam respeitar a obra de Lobato, não a descaracterizar e contribuir com os Estudos da Tradução. Acredito que a proposta foi cumprida, ressaltando-se o curto espaço de tempo para desenvolvê-la e outras limitações pertinentes a tratar-se de um trabalho de conclusão de um curso de graduação. Muito mais se tem a dizer sobre Monteiro Lobato, sua obra infantil, suas traduções e as traduções de suas obras, mas as ideias surgidas a esse respeito ao longo dessa pesquisa ficarão todas guardadas na canastra da Emília, afinal é lá que ela guarda tudo que acha que pode ser útil no futuro, não é? Então é lá que ficarão guardadas as ideias para minhas futuras pesquisas até que chegue a hora de pô-las em prática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBIERI, Thais de Mattos. **São Paulo Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina**. 2009. 328 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria e História Literária, Teoria e História Literária, USP, São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270113/1/Albieri\\_ThaisdeMattos\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270113/1/Albieri_ThaisdeMattos_D.pdf)>. Acesso em: 05 jul. 2019.
- A POSIÇÃO da literatura traduzida dentro do polissistema literário. **Translatio**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p.3-10, jun. 2012. Semestral. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/34674/22321>>. Acesso em: 05 jul. 2019.
- BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. Abington: Taylor & Francis E-Library, 2009.
- CABRAL, Izauro; RAMOS, Flavia Brocchetto. Dom Quixote das Crianças: uma análise comparativa do clássico e da adaptação lobatiana. **Revista Espéculo**, Madrid- Espanha, 6 dez. 2003. Quadrimestral. Disponível em: <<https://webs.ucm.es/info/especulo/numero25/quixocri.html>>. Acesso em: 05 jul. 2019.
- COBELO, Silvia. **As adaptações do Quixote no Brasil (1886-2013): uma discussão sobre retraduações de clássicos da literatura infantil e juvenil**. 2015. 569 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano Americana, Departamento de Letras Modernas, USP, São Paulo, 2015. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-11092015-150808/publico/2015\\_SilviaCobelo\\_VCorr\\_V1\\_V2.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-11092015-150808/publico/2015_SilviaCobelo_VCorr_V1_V2.pdf)>. Acesso em: 05 jul. 2019.
- EVEN-ZOHAR. The position of translated literature within the literary polysystem. In: VENUTTI, Laurence. **The translations studies reader**. London: Routledge, 2005. P.199 – 204.
- FRANCA, Vanessa Gomes. Nosso Jeca e nossa Emília vão ao exterior: As traduções das obras de Monteiro Lobato. **Miscelânea**, Assis - SP, v. 6, n. 1, p.40-57, 24 out. 2017. Disponível em: <<http://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/754/735>>. Acesso em: 05 jul. 2019.
- FRIO, Fernanda. As fronteiras entre tradução e adaptação: da equivalência dinâmica de Nida à adaptação de Garneau. **Tradterm**, São Paulo, v. 22, n. 1, p.15-30, dez. 2013. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/69115/71572>>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc. **Handbook of Translation Studies V.2**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamin Publish Company, 2010. 197 p. Editado por Yves Gambier e Luc van Doorslaer.
- GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009. 296 p.

JUSTO, Rosa Maria Oliveira. **Os moinhos s de vento no Brasil**: uma leitura da adaptação de Dom Quixote das Crianças de Monteiro Lobato. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano Americana, Departamento de Letras Modernas, USP, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-27072007-114030/pt-br.php>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luis (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: Obra infantil. São Paulo: Editora UNESP – Imprensa Oficial SP, 2009.

\_\_\_\_\_.; ZILBERMANN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: História e histórias. São Paulo. Ática, 1998.

LIMA, Lia Araujo Miranda de. A tradução na formação do sistema literário infantil brasileiro. **Revista Água Viva**, Brasília, v. 3, n. 2, 31 dez. 2018. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/23532>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

LOBATO, José Bento Monteiro. **A Barca de Gleyre** – 2º Tomo. In: LOBATO, Monteiro. Obras completas de Monteiro Lobato. v. 12, RJ: Brasiliense, 1955c. p. 104-328.

\_\_\_\_\_. **Dom Quixote das Crianças**: Contado por Dona Benta. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1936. 172 p.

\_\_\_\_\_. **Don Quijote de los niños**. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1938. 234 p. Tradução de Benjamín de Garay.

MATTOS, Thiago; FALEIROS, Álvaro. A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico. **Revista Letras Raras**, [s.l.], v. 3, n. 2, p.35-57, 23 fev. 2015. Editora da Universidade Federal de Campina Grande. <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v3i2.307>. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/307/241>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

MILTON, John; TORRES, Marie-Hélène. Tradução, Re tradução e Adaptação. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 11, jan. 2003. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6174/5729>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

OLIVEIRA, Ubiratan Paiva de. O Polissistema Literário identificado por Even-Zohar. **Organon**, [s.l.], v. 10, n. 24, p.67-74, 17 maio 2012. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.38425>. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/38425/24696>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

PRADO, Amaya Obata Mouriño de Almeida. Adaptação, uma leitura possível: um estudo de Dom Quixote das crianças, de Monteiro Lobato. In: **16º CONGRESSO DE LEITURA**, 2012, Campinas. A literatura infantil de Monteiro Lobato na Argentina. Campinas: Unicamp, 2012. Disponível em: <[http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss10\\_07.pdf](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss10_07.pdf)> Acesso em: 22abr.2018.

ROSCOE-BESSA, Cristiane; HATJE-FAGGION, Válmi; BELL-SANTOS, Cynthia Ann. **Tradução e cultura**. Brasília: 7 Letras, 2011. 156 p. Organização de Germana Henriques Pereira de Souza.

SILVA, Bárbara Zocal da. As traduções dos nomes próprios nas histórias em quadrinhos: um estudo de caso das tiras de Mafalda, de Quino. **Tradterm**, [s.l.], v. 27, p.155-179, 4 out. 2016. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v27i0p155-179>. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/121377>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

SILVEIRA, Lucia Velloso da. La literatura infantil en Latinoamérica: Antes y después de Monteiro Lobato. **Revista Studium Veritatis**, Lima - Peru, v. 16, n. 1, p.247-273, dez. 2012. Anual. Disponível em: <[http://repositorio.ucss.edu.pe/bitstream/handle/UCSS/448/Velloso\\_Lucia\\_SV\\_16\\_articulo\\_2012.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.ucss.edu.pe/bitstream/handle/UCSS/448/Velloso_Lucia_SV_16_articulo_2012.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 05 jul. 2019.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. Tradução e sistema literário: contribuições de Antonio Candido para os Estudos da Tradução. **Cadernos de Tradução**, [s.l.], v. 35, n. 1, p.56-74, 26 jan. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp1p56>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp1p56>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil Literário: história e crítica**. Tubarão - Sc: Copiart, 2014. 397 p

**Apêndice A - Retradução do capítulo VI - Primeiras aventuras em companhia de Sancho**

<b>Tradução de Benjamín de Garay</b>	<b>Proposta de Retradução</b>	<b>Texto Fonte – Monteiro Lobato</b>
CAPÍTULO VI	CAPÍTULO VI	CAPÍTULO VI
PRIMERAS AVENTURAS EN COMPAÑIA DE SANCHE	PRIMEIRAS AVENTURAS EM COMPANHIA DE SANCHE	PRIMEIRAS AVENTURAS EM COMPANHIA DE SANCHE
Doña Benita suspendió la lectura en ese punto, porque ya eran las nueve, hora de ir a la cama. Los chicos se fueron a dormir y, como es natural, a soñar con las aventuras narradas por la abuela. Pero el mejor sueño fue, sin duda, el de Emilia, que contó al día siguiente de este modo:	Dona Benta interrompeu a leitura neste ponto porque já eram nove horas, hora de ir para cama. As crianças foram dormir e, como esperado, sonharam com as aventuras contadas pela avó. O melhor sonho foi, sem dúvida, o da Emília, que o contou no dia seguinte:	Dona Benta parou nesse ponto porque já era tarde - nove horas, hora de cama. Os meninos foram dormir e sonharam com as aventuras narradas. O melhor sonho foi o da Emilia, que ela contou no dia seguinte.
—¡Ah, ustedes no calculan la paliza que le di al malvado patrón de Andresito! Anoche estuvo aquí, con su cara de sinvergüenza azotador de chicos.	_ Vocês não imaginam a surra que dei naquele malvado patrão do André! À noite passada veio aqui, com aquela cara lavada de espancador de crianças.	- Ah, vocês nem calculam a sova que eu dei no tal malvado patrão do André! Ele apareceu por aqui, com aquela cara lavada de sem-vergonha.
--“Señorita —me dijo—, ¿podría hacerme el favor de decirme si es aquí la casa de doña Benita?”	_ Senhorita, disse, poderia fazer-me o favor de dizer-me se aqui é casa de Dona Benta?	“Senhorita, poderia fazer o obsequio de dizer-me se é aqui o sítio de dona Benta? perguntou muito amável.
Yo, que sabía todo lo perverso que es él, a pesar de tan amable, me hice la loca y le respondí:	Eu, que já sabia o quanto ele é mal, apesar da cara de bonzinho, me fiz de boba e respondi:	Eu, que sabia a malvadeza dele, fiz-me de tola.
- “Sí, es aquí, don cara de lechuga asada. ¿Qué se- le antoja a su Señoría ‘?	_ É aqui mesmo, Senhor Cara de Coruja Seca! O que o senhor deseja?	“É, sim, seu cara de coruja. Que deseja Vossa Senhoria?
—“Vine a ver si no está escondido por aquí un tal Andrés, un muchachito a quien yo quiero mucho, ‘mucho, muchísimo. De miedo de un loco, vestido de lata, que anda corriendo el mundo en busca de aventuras, el pobrecito se escapó de mi casa y...	_ Queria saber se, por acaso, não está escondido aqui um rapazinho chamado André, a quem quero, muito, muito bem. O pobrezinho fugiu lá de casa, com medo de um louco, vestido de armadura, que anda correndo o mundo caçando aventuras...	_ “Vim ver se não está escondido por aqui um tal Andrézinho, um menino que eu quero muito, muito, muito bem! De medo dum doido vestido de armadura, que anda a correr as estradas, ele fugiu-me lá do meu sítio e ...
--“¡Ah, ya sé! —le dije— —. Un tal Don Quijote, ¿no	_ Ah! Já sei! Respondi. Um tal Dom Quixote, não é? Um	- “Ah, sei, disse eu. Um tal D. Quixote, não é? Um

Tradução de Benjamín de Garay	Proposta de Retradução	Texto Fonte – Monteiro Lobato
es eso? Un caballero malvado y penderciario que corre el mundo zurrando a los chicos, ¿no es verdad?”	cavaleiro malvado e brigão que corre o mundo surrando crianças. É esse?	cavaleiro malvado que corre mundo a surrar as crianças, não é?
El hombre desconfió un poquito. Pero yo continué:	O homem ficou um pouquinho desconfiado, mas eu continuei:	O homem desconfiou um bocadinho. Eu continuei:
—“Está aquí, sí, el chico ése. Está escondido en aquella quinta, de miedo al caballero de lata que les pega sobas a los niños. Vamos hasta allí.	_ O menino está aqui sim! Está escondido lá no quintal, com medo do tal cavaleiro de lata que bate nas crianças. Vamos até lá.	-- "Está aqui, sim. Está escondidinho no quintal -de medo do tal cavaleiro de ferro que bate nas crianças. Vamos até lá.
Y lo llevé a la quinta, donde Quindim estaba pastando tranquilamente. El muy burro nunca había visto un rinoceronte. Se asustó	Levei-o ao quintal, onde Quindim estava pastando tranquilamente. O ignorante nunca tinha visto um rinoceronte. Levou um susto!	E levei-o ao quintal, onde Quindim estava pastando sossegadamente. O homem nunca tinha visto rinoceronte. Assustou-se.
—“¿Qué es eso?. . . ¿Ese monstruo que está allí?	_ O que é isso? Esse monstro aí!	- “Que é aquilo? aquele monstro?
—“No tenga miedo —le respondí—. Es un rinoceronte de engaña pichanga, hecho por Pedrito. Es de cartón, ¿no ve? Y no cornea.	_ Não precisa ter medo, respondi. É um rinoceronte de faz de conta. Foi Pedrinho que fez com papelão. Está vendo? Não faz mal a ninguém!	- "Não tenha medo, respondi. É um rinoceronte de mentira que Pedrinho fez. De papelão. Não chifra.
—“¿Pero, cómo está pastando si es de cartón?	_ Mas, como está pastando se é de papelão?	- "Mas como está pastando? perguntou ele.
—“Está pastando de mentiritas, bobo. Todo es de mentiritas. Pedrito es el mismo diablo para hacer cosas de engaña pichanga. El palurdo lo creyó y se fue acercando a Quindim. Y yo le dije:	_ Está pastando de mentirinha, bobo. É tudo de mentirinha. Pedrinho é mestre em fazer coisas de faz de conta. O bobo acreditou e foi chegando perto do Quindim. Aí eu disse:	- “Está pastando de mentira, bobo. Tudo é de mentira. Pedrinho é um danado para fazer coisas assim. O homem acreditou e foi-se aproximando do Quindim. E eu:
—“Andresito está escondido detrás de ese bicho de cartón. Vaya a buscarlo, si quiere.”	_ Andrezinho está escondido atrás desse bicho de papelão. Pode ver, se quiser.	- “O Andrézinho está escondido atrás desse bicho de papelão.
“Él se acercó más, y un poquito más. . . De repente grité:	_ Ele foi chegando perto, e mais perto... De repente, gritei:	Ele foi chegando, chegando .... De repente eu gritei:
—“ ¡Chúmbale, Quindim!	_ Pega Quindim!	- “Pega, Quindim! e Quindim
” Y Quindim dio uno de sus saltos famosos, apuntando con el cuerno a la panza del malvado, como si fuera Don Quijote con su lanza. . .	E Quindim deu um daqueles saltos, apontando o chifre direto na barriga do malvado, como se fosse Dom Quixote com sua lança...	deu um daqueles botes famosos - com o chifirão apontado, feito lança de D. Quixote.

Tradução de Benjamín de Garay	Proposta de Retradução	Texto Fonte – Monteiro Lobato
¡Nuestra Señora! Quisiera que ustedes hubieran oído el berrido de espanto que dio el hombre. Salió a la disparada, como un Venado corrido por los perros. En la portera del potrero tropezó con una piedra, y le pasó lo mismo que a Rocinante: clavó el hocico. Se rompió la nariz. Y Quindim, encima de él, ¡meta cuerno! ¡Fugt! ¡Fugt! . . . Y yo aquí, gritando. . .	_ Nossa senhora! Queria que vocês tivessem ouvido o grito de pavor que o homem deu. Saiu correndo, como um animal sendo caçado. Na porteira do sítio tropeçou numa pedra e fez que nem Rocinante: foi de focinho no chão. Arrebentou o nariz. E Quindim em cima dele, chifrando! <i>Fuct! Fuct!</i> ... E, eu aqui, gritando...	Nossa Senhora! Queria que vocês ouvissem o berro que o homem deu! Saiu numa disparada que mais parecia veado. Na porteira do pasto tropicou numa pedra e fez o mesmo que Rocinante: afocinhou. Rachou o nariz. E Quindim em cima, <i>fuqt, fuqt</i> , espetando-o com o chifre. E eu cá a berrar...
—¡Epa! —Dijo Naricita—. Ese sueño está demasiado bien arregladito para ser verdadero. Lo que estás haciendo, Emilia, es indigestarnos con una de tus famosas <i>milanesas</i> .	_ Espera aí! Disse Narizinho. Esse sonho está muito certinho demais. O que você está fazendo, Emília, é nos enrolar com uma de suas fantasias.	- Espere, Emilia, disse Narizinho. Esse sonho está muito bem arranjado para ser verdadeiro. O que você está fazendo é nos tapear com uma das suas lorotas.
En ese momento entró doña Benita que venía a continuar la historia del ingenioso hidalgo. Se sentó y dijo:	Neste momento, entrou Dona Benta que vinha continuar a história do engenhoso fidalgo. Sentou-se e disse:	Nesse momento entrou dona Benta, que vinha continuar a história. Sentou-se e disse:
—Muy bien... ¿Dónde quedamos ayer?	_ Muito bem... Onde paramos ontem?	- Muito bem. Onde ficamos ontem?
Don Quijote estaba otra vez en camino, en compañía de Sancho Panza —recordó Pedrito— Conversaban sobre la ínsula.	Dom Quixote estava outra vez na estrada, junto com Sancho, lembrou Pedrinho. Conversavam sobre seu governo.	- D. Quixote estava outra vez na estrada, em companhia de Sancho, conversando sobre a ilha, lembrou Pedrinho.
—Eso mismo —dijo doña Benita, acomodándose los anteojos—. Estaban departiendo sobre la futura ínsula de Sancho, cuando el héroe vio a lo lejos, unos veinte o treinta molinos de viento:	_ Isso mesmo, disse Dona Benta, arrumando os óculos. Estavam discutindo sobre o governo de Sancho quando o herói viu, lá longe, uns vinte ou trinta moinhos de vento.	- Isso mesmo, disse dona Benta. Estavam a conversar sobre a futura ilha de Sancho, quando o herói viu ao longe uns vinte ou trinta moinhos de vento.
—¡Sancho, mi querido Sancho! —gritó Don Quijote—. La fortuna empieza a favorecernos. ¿Ves allá a lo lejos, aquel ejército de gigantes?	_ Sancho, meu querido Sancho! Gritou Dom Quixote. A sorte está do nosso lado. Vês, lá longe, aquele exército de gigantes?	- “Sancho, meu caro Sancho! bradou D. Quixote. A fortuna começa a favorecer-nos. Não vês lá ao longe aquele exercito de gigantes?
— ¿Gigantes? —Repitió el escudero, mirando a todos	_ Gigantes? Perguntou o escudeiro, olhando em volta.	- “Gigantes? repetiu o escudeiro voltando-se para

Tradução de Benjamín de Garay	Proposta de Retradução	Texto Fonte – Monteiro Lobato
lados—. No veo ni sombra de gigantes, señor . . .	Não vejo nem sombra de gigantes, senhor ...	todos os lados. Não vejo nem sombra de gigantes, senhor...
—Aquello, allá — insistió Don Quijote, señalando con el flaco dedo hacia la distancia.	_ Aquilo, lá! Insistiu Dom Quixote, apontando lá longe com o dedo magricela.	- “Aquilo, acolá, disse D. Quixote, com o magro dedo apontado.
_ ¡Oh, señor! Aquello nunca fue ejército de gigantes. Aquello no es nada más que unos cuantos molinos de viento. Nada más.	_ Ah senhor! Aquilo nunca foi exército de gigantes. Aquilo não é nada além do que alguns moinhos de vento. Só isso.	-- “Oh, senhor! Aquilo nunca foi exercito de gigantes. Não passa duns tantos moinhos de vento. Nada mais.
—Son gigantes —porfió el héroe—. Y voy a pelear con ellos. Después de derrotados, nos quedaremos con sus despojos: armas y dineros. Arrodíllate, Sancho, y reza, mientras yo doy buena cuenta de todos esos monstruos.	_ São gigantes, insistiu o herói. E vou lutar com eles. Depois de derrotados, ficaremos com seus despojos: armas e dinheiro. Ajoelha-te Sancho, e reza, enquanto acabo com todos eles.	- "São gigantes, sim, insistiu o herói e vou combate-los. Depois de derrotados ficaremos com os despojos. Ajoelha-te, Sancho, e reza enquanto dou cabo dos monstros- e, sem esperar resposta, cravou as rosetas nos ossos de Rocinante, partindo aos berros: A mim! A mim, covardes ladrões! Eu sozinho, mais esta lança, vos reduzirei a trapos.
Y, sin esperar respuestas, le clavó las lloronas en los huesos a Rocinante y partió como un bólido, dando gritos:	E, sem esperar resposta, cravou as esporas nos ossos de Rocinante e partiu como um foguete, gritando:	
—¡A mí! ¡A mil... ¡Cobardes, ladrones! Yo so lito con mi alma y mi lanza os convertiré en guiñapos.	_ Venham! Venham! ... Covardes, ladrões! Eu sozinho, só eu e minha lança, vos farei em pedaços.	
En ese instante sopló más fuerte el viento, y las aspas de los molinos comenzaron a girar con mayor rapidez.	Neste instante, soprou um vento mais forte e as pás dos moinhos começaram a girar mais rápido.	O vento nesse instante aumentou, de modo que as asas dos moinhos começaram a girar com maior rapidez.
—¡Agitad los brazos cuanto os plazca! —clamó Don Quijote—. Aunque tuvieseis más brazos que el ' gigante Briareo, yo os haría harapos del mismo modo...	_ Podeis agitar os braços o quanto quiserdes! Gritou Dom Quixote. Mesmos que tivésseis mais braços que o gigante Briareu, eu vos faria em pedaços, igualzinho.	- “Virai esses braços quanto quiserdes! berrava D. Quixote. Ainda que tivésseis mais braços que o gigante Briareu, do mesmo modo eu vos reduziria a trapos.
Estaba ya cerca. Enristró la lanza y embistió, furioso, al molino más próximo, clavando el rejón en una de las aspas. Y lo que sucedió entonces fue algo estupendo: en un movimiento brusco, el aspa del molino levantó, en una pieza, caballo y caballero, y los lanzó a lo	Já estava bem perto. Levantou a lança e investiu furioso contra o moinho mais próximo, cravando a ponta da lança numa das pás. O que aconteceu, então, foi algo inacreditável: Com um movimento brusco, a pá do moinho levantou cavaleiro e	Estava já perto. Enristou a lança e atacou o moinho mais próximo, espetando o ferro numa das asas - e o que sucedeu foi algo espantoso. A asa em movimento colheu cavaleiro e cavalo e os arremessou para longe, em pandarecos.

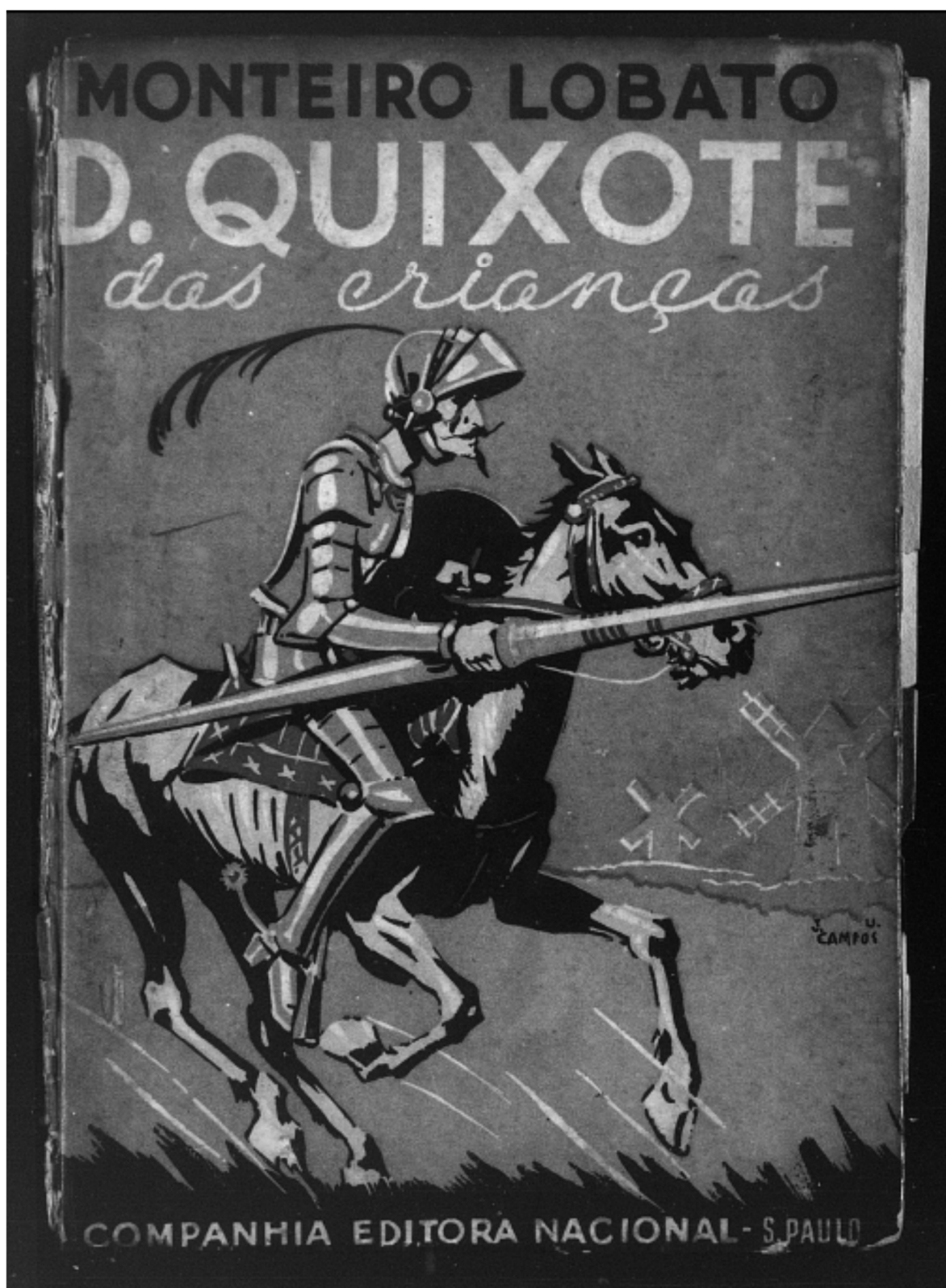


Tradução de Benjamín de Garay	Proposta de Retradução	Texto Fonte – Monteiro Lobato
lejos, haciendo graciosas cabriolas en el aire.	cavalo, juntos, e os jogou lá longe, aos pedaços.	
Al ver el desastre, Sancho Panza, que se a la quedado rezando de rodillas, montó en el burro, espoleó y corrió en socorro de su amo. Lo halló achatado en el suelo, inmóvil, lamentable.	Ao ver o desastre, Sancho Pança, que estava ajoelhado rezando, montou no burro e correu em socorro de seu patrão.	Ao ver o desastre, Sancho, que ficara a rezar, esporeia o burro. Corre em socorro do amo. Encontra-o por terra, estirado, imóvel.
—¡Bien le decía yo, mi amo, que eran molinos de viento y no gigantes! Mi señor no quiso hacerme caso, y ahora ahí está, perjudicado. . . gimiendo...	_ Eu disse ao senhor que eram moinhos de vento e não gigantes! Meu senhor não quis me ouvir. Agora, deu nisso, está todo descadeirado... gemendo....	- "Eu bem disse, meu amo, que os vultos eram moinhos e não gigantes. O meu amo não me deu credito - agora está aí escangalhado, a gemer...
— ¡Cállate, Sancho! — ordenó Don Quijote —Las cosas de la guerra, más que ningunas otras, están sujetas a mudanzas y caprichos de la loca fortuna. . . Debes saber, Sancho amigo, que mi más cruel enemigo es el terrible hechicero Festón. Él fue quien me robó la biblioteca. Y ahora para quitarme la gloria de vencer a esos gigantes, los ha transformado en molinos. ¡Paciencia! Haya lo que haya y salga lo que salga, esta mi fiel espada tiene que vencer al fin, y Festón será castigado como se merece.	_ Cala-te Sancho, ordenou Dom Quixote. As coisas da guerra mais que quaisquer outras estão sujeitas a mudanças e caprichos da sorte .... Você sabe, meu caro, que meu maior inimigo é o terrível feiticeiro Fréston. Foi ele quem me roubou a biblioteca. Agora, para tirar-me o gostinho de vencer os gigantes, transformou-os em moinhos. Paciência! Haja o que houver, do jeito que for, vou vencê-lo no final e ele vai ter o castigo que merece.	- “Cala-te, Sancho, respondeu D. Quixote, pois as coisas da guerra, mais que quaisquer outras, estão sujeitas às mudanças e aos caprichos da fortuna. Fica tu sabendo, Sancho, que o meu mais cruel inimigo é o terrível encantador Freston. Já me roubou a livraria; agora, para me tirar a honra de vencer estes gigantes, transformou-os em moinhos. Paciência. Haja o que houver, a minha fiel espada tem que vencer no fim - e Freston será castigado.
-- ¡Amén! — remató el escudero, y ayudó a su molido amo a montar a caballo, si tal puede decirse de Rocinante, que mal se podía tener en pie. Lo peor fue que la lanza del caballero se había partido en tres pedazos, y un caballero sin lanza es como un pozo sin balde: no sirve para nada. Esa circunstancia provocó en el héroe de la Mancha las siguientes consideraciones:	_ Amém! Respondeu o escudeiro, e ajudou seu patrão a montar no cavalo, se é que se podia chamar Rocinante assim, já que mal se aguentava em pé. O pior foi que a lança do cavaleiro estava partida em três pedaços, e um cavaleiro sem lança, não vale nada. Essa situação fez o herói manchego se lembrar de uma história:	- “Amen! tornou o escudeiro - e ajudou o moído amo a repimpar-se sobre o pobre Rocinante, que mal podia ter-se de pé. O peor foi a lança do cavaleiro ter-se partido em tres pedaços - e um cavaleiro sem lança perde o jeito. Isso provocou ao herói da Mancha as seguintes considerações:

Tradução de Benjamín de Garay	Proposta de Retradução	Texto Fonte – Monteiro Lobato
<p>—Cierta vez, un gran paladín español, de nombre Diego Pérez, habiéndosele roto la espada en una pelea, arrancó un tronco de encina, enterito, y con él machacó tal cantidad de moros que recibió el apellido de Machuca. Y con el nombre de Machuca se honraron más tarde sus descendientes. Voy a hacer lo mismo. Con mis propias manos me confeccionaré una lanza, con la cual he de asombrar al mundo.</p>	<p>_ Certa vez, um grande cavaleiro espanhol, chamado Diego Pérez, após quebrar sua espada durante uma luta, arrancou um tronco de carvalho, inteirinho, e com ele transformou em pó um monte de mouros, por isso passou a ser conhecido como Machuca. O sobrenome continuou a ser usado por seus descendentes. Vou fazer a mesma coisa. Vou fazer uma lança com minhas próprias mãos, com ela vou assombrar o mundo.</p>	<p>- "Certa vez um grande paladino espanhol de nome Diogo Peres, quebrando a espada numa briga, arrancou um tronco de carvalho e com ele destroçou tal quantidade de mouros que recebeu a alcunha de Diogo Machuca, nome com que mais tarde se honraram todos os seus descendentes. Vou fazer o mesmo. Afeiçoarei com as minhas próprias mãos uma nova lança, com a qual assombrarei os mundos.</p>
<p>— ¡Así Dios lo quiera! — exclamó Sancho, poniendo los ojos en la desaliñada y torcida figura del machacado caballero, que en verdad, le parecía muy poco gallarda.</p>	<p>_ Deus queira! Exclamou Sancho, olhando para a figura do cavaleiro todo amassado e torto, que, na verdade, parecia-lhe muito pouco elegante.</p>	<p>- "Assim o permita Deus! exclamou Sancho com os olhos postos na figura alquebrada do cavaleiro, atitude que lhe causava má impressão. Senhor meu amo, acho bom que se endireite um pouco mais na sela. Quem o vir assim, há de jurar que é corcunda ...</p>
<p>—Señor, mi amo —dijo—: me parecería bien que se enderezara un poco más en la montura. Quien así lo vea jurará que Su Merced es jorobado.</p>	<p>_ Meu senhor, disse. Seria melhor que se aprumasse mais sobre o cavalo. Que o vê assim vai pensar que o senhor é corcunda.</p>	
<p>—Confíesote, Sancho discreto, que esta caída me ha achatado bastante. Y si no me quejo de los dolores que siento en todo el cuerpo, es porque un caballero no debe quejarse jamás, ni gemir, aun que le saquen todas las tripas a tomar el aire.</p>	<p>_ Confesso, caro Sancho, que esta queda me deixou acabado. Se não me queixo de dores em todo o corpo, é porque um cavaleiro não deve queixar-se nunca, nem gemer. Nem que lhe arranquem todas as tripas.</p>	<p>- “Confesso-te, Sancho, que esta queda me achatou bastante; e se não me queixo, nem gemo as dores que sinto, é que um cavaleiro não deve jamais queixar-se, nem gemer, ainda que lhe ponham todas as tripas de fora.</p>
<p>—He ahí una cosa que yo nunca haría —dijo Sancho—. No sé resistir al dolor. Al menor arañón chillo y gimo como un perrito cuando le cortan la cola. Pero dígame, señor’: ¿no le parece que es hora de poner algo en estomago?</p>	<p>_ Está aí uma coisa que eu nunca faria, disse Sancho. Não tolero dor. Por causa de um arranhãozinho qualquer, uivo e choro como um cachorrinho quando lhe maltratam. Mas. Diga-me senhor: Não achas que é hora de comer?</p>	<p>- “Oh, exclamou Sancho, está aí uma coisa que eu jamais faria. Não sei resistir. Ao menor arranhão, berro e gemo que nem cachorrinho novo ao qual cortam a cauda. Mas diga-me, senhor, não acha que sejam horas de cuidar da pança?</p>

Tradução de Benjamín de Garay	Proposta de Retradução	Texto Fonte – Monteiro Lobato
—Come tú, Sancho, come tú, hijo mío, ya que tienes hambre y con que satisfacerla. Yo no necesito de alimentos corporales.	_ Come você, Sancho. Come você, meu filho, se tem fome e tem o que comer. Não preciso de alimentos para o corpo.	- “Come tu, meu Sancho. Come tu, já que tens fome. Eu não careço de alimento
El escudero no lo creyó del todo, Pero, en vez de contrariar a su amo, cruzó una pierna sobre la cabezada de la silla, sentándose “a lo mujercita”, abrió una de las maletas, sacó una parte de lo que en ella había y empezó a llenar el buche.	O escudeiro não acreditou nisso, mas, ao invés de contrariar o patrão, cruzou uma perna sobre a cela, abriu uma das bolsas, tirou parte do que havia nela e começou a encher a barriga.	Escudeiro não acreditou muito naquilo; mas em vez de contrariar o amo, cruzou uma perna sobre o cabeça da sela, abriu um dos alforjes, sacou de dentro parte do que havia e foi enchendo o bucho. Também não se esqueceu da cabaça de vinho, que ficou muito mais leve.
Tampoco se olvidó de la cantimplora de vino, que se alivianó bastante en aquella primera ocasión.	Não se esqueceu da botija de vinho, que ficou bem mais vazia naquela ocasião.	

Anexo A - Texto original do Capítulo VI de Dom Quixote das Crianças – 1ª Edição, 1936



Serie 1.<sup>a</sup> LITERATURA INFANTIL Vol. 25  
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

MONTEIRO LOBATO  
\*

# D. QUIXOTE DAS CRIANÇAS

Contado por  
Dona Benta

ILUSTRAÇÕES DE GUSTAVO DORÉ  
CAPA DE J. U. CAMPOS

1936  
COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
SÃO PAULO



A cabeça de D. Quixote vivia povoada de monstros

prover-se dos necessários alforjes, indo montado em seu burrinho, um excelente e fiel animal.

A princípio a ideia de andar á aventura seguido dum escudeiro montado em burro não agradou lá grande coisa ao fidalgo; mas por fim consentiu, lembrando-se que poderia dar a Sancho o corcel do primeiro cavaleiro encontrado pelo caminho e vencido em luta.

Tudo bem planejado e arranjado, partiram certo dia sem que os da casa vissem; e ao romper da manhã estavam já tão longe que ninguém os poderia alcançar. Sancho, com as barbas escarranchadas no jumento e os bojudos alforjes lado a lado, dava a ideia dum patriarca bonachão. Em certo momento tomou da cabaça que trazia a tiracolo e disse, antes de sorver um gole:

— “Ah, senhor D. Quixote, rogo-lhe que nunca se esqueça da ilha que me prometeu. Juro governa-la com a maior sabedoria.

— “Descansa, amigo Sancho. Serei mais generoso contigo do que muitos cavaleiros de fama o foram com os seus servidores. Costumavam deixa-los envelhecer sem nunca os galardoados com a merecida recompensa. Quando muito lhes davam alguma provincia e um reles titulo de conde ou marquês. Eu, porém, em menos de seis dias espero conquistar todo um reino — ou dois, e este segundo será teu.

— “Oh, meu querido amo! exclamou o escudeiro batendo palmas, aos pulos na sela. Quer dizer então que ainda serei rei e a minha mulher Teresa, rainha e meus filhotes, príncipes?

— “Está claro, confirmou D. Quixote.

Mas Sancho pôs-se a rir. Estava a pensar na sua mulher.

— “Coitada! exclamou. Ainda que chovam coroa, creio que nenhuma se ajustará na cabeça da pobre Teresa. Não dá para rainha, não, a coitada... Condessa, ainda vá lá; mas rainha...

— “Não te preocupes com isso, Sancho. Tudo se ha de resolver do melhor modo. Neste momento o que posso assegurar-te é que receberás um reino.

— “Os anjos digam amen, murmurou Sancho com os olhos no ceu. Eu cá de mim fico sossegado, porque sei que palavra de cavaleiro não volta atrás. Inda mais a palavra do maior cavaleiro da Mancha, o meu valorosissimo amo...

## CAPITULO VI

## Primeiras aventuras em companhia de Sancho

DONA BENTA parou nesse ponto porque já era tarde — nove horas, hora de cama. Os meninos foram dormir e sonharam com as aventuras narradas. O melhor sonho foi o da Emilia, que ela contou no dia seguinte.

— Ah, vocês nem calculam a sova que eu dei no tal malvado patrão do André! Ele apareceu por aqui, com aquela cara lavada de sem-vergonha.

— “Senhorita, poderia fazer o obsequio de dizer-me se é aqui o sitio de dona Benta? perguntou muito amavel.

Eu, que sabia a malvadeza dele, fiz-me de tola.

— “E, sim, seu cara de coruja. Que deseja Vossa Senhoria?

— “Vim ver se não está escondido por aqui um tal Andrézinho, um menino que eu quero muito, muito, muito bem! De medo dum doido vestido de armadura, que anda a correr as estradas, ele fugiu-me lá do meu sitio e...

— “Ah, sei, disse eu. Um tal D. Quixote, não é? Um cavaleiro malvado que corre mundo a surrar as crianças, não é? O homem desconfiou um bocadinho. Eu continuei:

— “Está aqui, sim. Está escondidinho no quintal — de medo do tal cavaleiro de ferro que bate nas crianças. Vamos até lá.

E levei-o ao quintal, onde Quindim estava pastando sossegadamente. O homem nunca tinha visto rinoceronte. Assustou-se.

— “Que é aquilo? aquele monstro?

— “Não tenha medo, respondi. É um rinoceronte de mentira que Pedrinho fez. De papelão. Não chifra.

— “Mas como está pastando? perguntou ele.



— “Está pastando de mentira, bobo. Tudo é de mentira. Pedrinho é um danado para fazer coisas assim.

O homem acreditou e foi-se aproximando do Quindim. E eu:

— “O Andrézinho está escondido atrás desse bicho de papalão.

Ele foi chegando, chegando... De repente eu gritei:

— “Pega, Quindim! e Quindim deu um daqueles botes famosos — com o chifre apontado, feito lança de D. Quixote.

Nossa Senhora! Queria que vocês ouvissem o berro que o homem deu! Saiu numa disparada que mais parecia veado. Na porteira do pasto tropicou numa pedra e fez o mesmo que Rocinante: afocinhou. Rachou o nariz. E Quindim em cima, *fuqt, fuqt*, espetando-o com o chifre. E eu cá a berrar...

— Espere, Emilia, disse Narizinho. Esse sonho está muito bem arranjado para ser verdadeiro. O que você está fazendo é nos tapear com uma das suas lorotas.

Nesse momento entrou dona Benta, que vinha continuar a história. Sentou-se e disse:

— Muito bem. Onde ficamos ontem?

— D. Quixote estava outra vez na estrada, em companhia de Sancho, conversando sobre a ilha, lembrou Pedrinho.

— Isso mesmo, disse dona Benta. Estavam a conversar sobre a futura ilha de Sancho, quando o herói viu ao longe uns vinte ou trinta moinhos de vento.

— “Sancho, meu caro Sancho! bradou D. Quixote. A fortuna começa a favorecer-nos. Não vês lá ao longe aquele exercito de gigantes?

— “Gigantes? repetiu o escudeiro voltando-se para todos os lados. Não vejo nem sombra de gigantes, senhor...

— “Aquilo, acolá, disse D. Quixote, com o magro dedo apontado.

— “Oh, senhor! Aquilo nunca foi exercito de gigantes. Não passa duns tantos moinhos de vento. Nada mais.

— “São gigantes, sim, insistiu o herói e vou combatê-los. Depois de derrotados ficaremos com os despojos. Ajoelha-te, Sancho, e reza enquanto dou cabo dos monstros — e, sem esperar resposta, cravou as rosetas nos ossos de Rocinante, par-

tindo aos berros: A mim! A mim, covardes ladrões! Eu sozinho, mais esta lança, vos reduzirei a trapos.

O vento nesse instante aumentou, de modo que as asas dos moinhos começaram a girar com maior rapidez.

— “Virai esses braços quanto quiserdes! berrava D. Quixote. Ainda que tivesseis mais braços que o gigante Briareu, do mesmo modo eu vos reduziria a trapos.

Estava já perto. Enristou a lança e atacou o moinho mais proximo, espetando o ferro numa das asas — e o que sucedeu foi algo espantoso. A asa em movimento colheu cavaleiro e cavalo e os arremessou para longe, em pandarecos.

Ao ver o desastre, Sancho, que ficara a rezar, esportou o burro. Correu em socorro do amo. Encontra-o por terra, estirado, imóvel.

— “Eu bem disse, meu amo, que os vultos eram moinhos e não gigantes. O meu amo não me deu credito — agora está aí escangalhado, a gemer...

— “Cala-te, Sancho, respondeu D. Quixote, pois as coisas da guerra, mais que quaisquer outras, estão sujeitas às mudanças e aos caprichos da fortuna. Fica tu sabendo, Sancho, que o meu mais cruel inimigo é o terrível encantador Freston. Já me roubou a livraria; agora, para me tirar a honra de vencer estes gigantes, transformou-os em moinhos. Paciencia. Haja o que houver, a minha fiel espada tem que vencer no fim — e Freston será castigado.

— “Amen! tornou o escudeiro — e ajudou o moido amo a repimpar-se sobre o pobre Rocinante, que mal podia ter-se de pé. O peor foi a lança do cavaleiro ter-se partido em tres pedaços — e um cavaleiro sem lança perde o jeito. Isso provocou ao herói da Mancha as seguintes considerações:

— “Certa vez um grande paladino espanhol, de nome Diogo Peres, quebrando a espada numa briga, arrancou um tronco de carvalho e com ele destroçou tal quantidade de mouros que recebeu a alcunha de Diogo Machuca, nome com que mais tarde se honraram todos os seus descendentes. Vou fazer o mesmo. Afeicoarei com as minhas proprias mãos uma nova lança, com a qual assombrarei os mundos.

— “Assim o permita Deus! exclamou Sancho com os olhos postos na figura alquebrada do cavaleiro, atitude que lhe cau-

sava má impressão. Senhor meu amo, acho bom que se endireite um pouco mais na sela. Quem o vir assim, ha de jurar que é corcunda...

— “Confesso-te, Sancho, que esta queda me achatou bastante; e se não me queixo, nem gemo as dores que sinto, é que um cavaleiro não deve jamais queixar-se, nem gemer, ainda que lhe ponham todas as tripas de fora.

— “Oh, exclamou Sancho, está aí uma coisa que eu jamais faria. Não sei resistir. Ao menor arranhão, berro e gemo que nem cachorrinho novo ao qual cortam a cauda. Mas, diga-me, senhor, não acha que sejam horas de cuidar da pança?

— “Come tu, meu Sancho. Come tu, já que tens fome. Eu não careço de alimento.

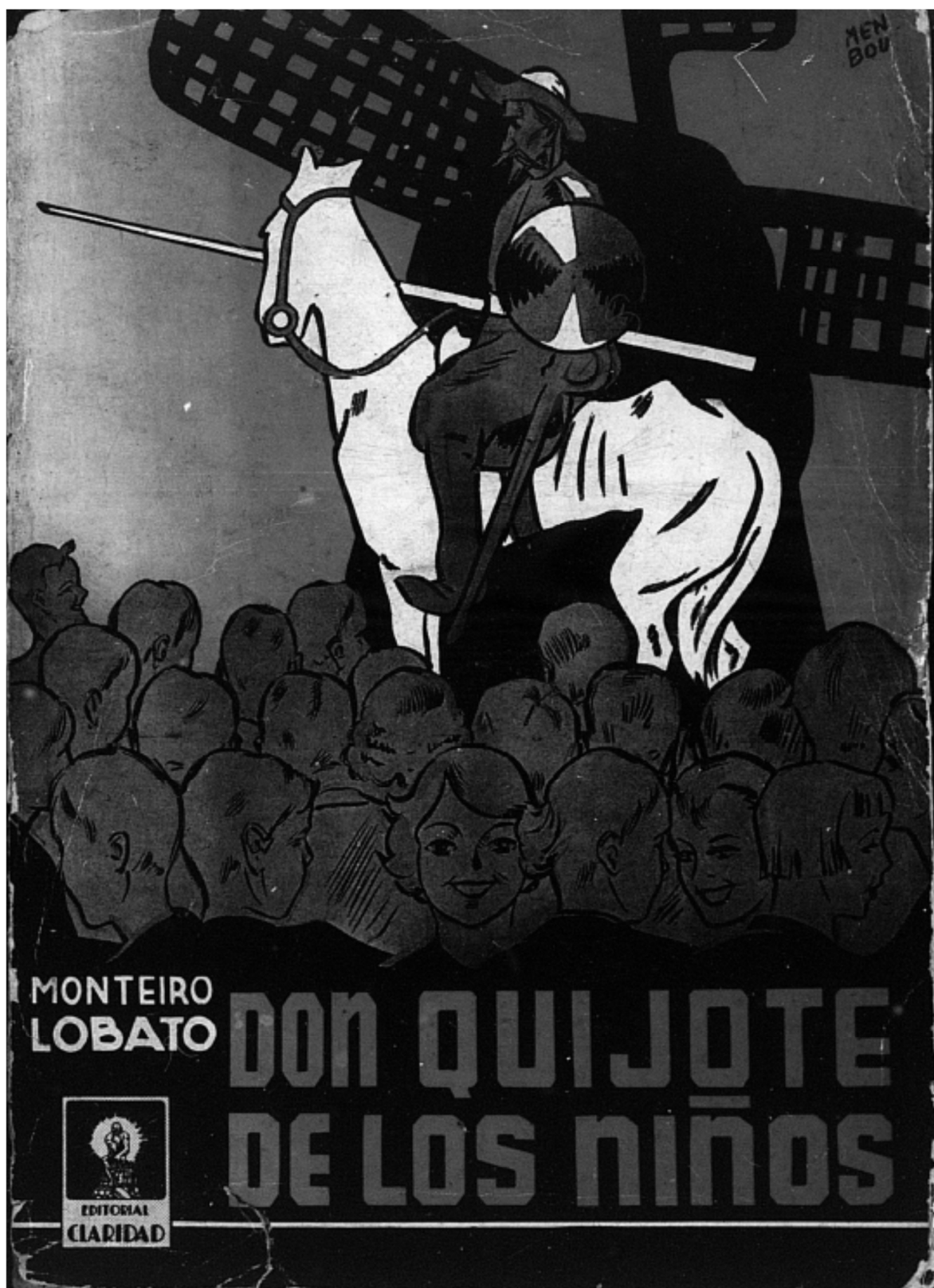
O escudeiro não acreditou muito naquilo; mas em vez de contrariar o amo, cruzou uma perna sobre o cabeco da sela, abriu um dos alforjes, sacou de dentro parte do que havia e foi enchendo o bucho. Também não se esqueceu da cabaça de vinho, que ficou muito mais leve.



*A asa do moinho levou-o para os ares*



Anexo B - Texto original de Don Quijote de los Niños – 1ª edição, 1938



MONTEIRO LOBATÓ

---

# DON QUIJOTE DE LOS NIÑOS

TRADUCCION DEL PORTUGUES, ESPECIAL PARA LA  
EDITORIAL CLARIDAD POR  
BENJAMIN DE GARAY



EDITORIAL  
CLARIDAD  
1641 - SAN JOSE - 1645  
BUENOS AIRES

BIBLIOTECA DE  
TEXTOS PARA LECTURA LIBRE  
DIRECTOR: ANTONIO ZAMORA  
EDITORIAL CLARIDAD  
— BUENOS AIRES — ARGENTINA —

—Descuida, Sancho amigo. Seré más generoso contigo que muchos caballeros de fama lo fueron con sus servidores. Acostumbraban dejarlos envejecer sin darles nunca la merecida recompensa. Cuando mucho, les daban alguna provincia o el título vulgar de conde o marqués. Yo, empero, en menos de seis días espero conquistar todo un reino, o dos, y éste segundo será para ti.

—¡Oh, mi querido señor! —exclamó el escudero palmoteando y saltando de gusto en la montura.— ¿Quiere decir, entonces, que yo seré rey, y mi mujer, Teresa, será reina, y mis hijos serán príncipes? —¡Claro está! —confirmó Don Quijote—. ¿Quién lo duda?

Pero Sancho se echó a reír con todas sus gorduras. Estaba pensando en su mujer. Y dijo al fin:

—¡Pobrecita! Aunque lluevan coronas, creo que ninguna ajustará a la cabeza de la pobre Teresa Panza. No sirve para reina la cuitada... Condesa, todavía... pero reina...

—No te preocupes por eso, Sancho. Todo se ha de resolver de la mejor manera. Lo que puedo asegurarte por el momento, es que tendrás un reino en pago de tus servicios.

—¡Quíralo Nuestro Señor! —murmuró Sancho, con los ojos al cielo—. Por mi parte, estoy tranquilo, porque sé que palabra de caballero no se echa atrás. Y mucho menos la palabra del mayor caballero de la Mancha, mi valerosísimo señor Don Quijote...

## CAPÍTULO VI

## PRIMERAS AVENTURAS EN COMPAÑÍA DE SANCCHO

Doña Benita suspendió la lectura en ese punto, porque ya eran las nueve, hora de ir a la cama. Los chicos se fueron a dormir y, como es natural, a soñar con las aventuras narradas por la abuela. Pero el mejor sueño fué, sin duda, el de Emilia, que contó al día siguiente de este modo:

—¡Ah, ustedes no calculan la paliza que le di al malvado patrón de Andresito! Anoche estubo aquí, con su cara de sinvergüenza azotador de chicos.

—“Señorita —me dijo—, ¿podría hacerme el favor de decirme si es aquí la casa de doña Benita?” Yo, que sabía todo lo perverso que es él, a pesar de tan amable, me hice la loca y le respondí:

—“Sí, es aquí, don cara de lechuza asada. ¿Qué se le antoja a Su Señoría?”

—“Vine a ver si no está escondido por aquí un tal Andrés, un muchachito a quien yo quiero mucho, mucho, muchísimo. De miedo de un loco, vestido de lata, que anda corriendo el mundo en busca de aventuras, el pobrecito se escapó de mi casa y...

—“¡Ah, ya sé! —le dije—. Un tal Don Quijote, ¿no es eso? Un caballero malvado y pendenciero que corre el mundo zurrando a los chicos, ¿no es verdad?”

El hombre desconfió un poquito. Pero yo continué:

—“Está aquí, sí, el chico ése. Está escondido en aquella quinta, de miedo al caballero de lata que les pega sobas a los niños. Vamos hasta allí.”

Y lo llevé a la quinta, donde Quindim estaba pasando tranquilamente. El muy burro nunca había visto un rinoceronte. Se asustó.

—“¿Qué es eso?... ¿Ese monstruo que está allí?”

—“No tenga miedo —le respondí—. Es un rinoceronte de engaña pichanga, hecho por Pedrito. Es de cartón, ¿no ve? Y no cornea.”

—“¿Pero, cómo está pastando si es de cartón?”

—“Está pastando de mentiritas, bobo. Todo es de mentiritas. Pedrito es el mismo diablo para hacer cosas de engaña pichanga. El palurdo lo creyó y se fué acercando a Quindim. Y yo le dije:

—“Andresito está escondido detrás de ese bicho de cartón. Vaya a buscarlo, si quiere.”

El se acercó más, y un poquito más... De repente grité:

—“¡Chumbale, Quindim!”

Y Quindim dió uno de sus saltos famosos, apun- tanto con el cuerno a la panza del malvado, como si fuera Don Quijote con su lanza...

¡Nuestra Señora! Quisiera que ustedes hubieran oído el berrido de espanto que dió el hombre. Saltó a la disparada, como un venado corrido por los perros. En la portera del potrero tropezó con una piedra, y le pasó lo mismo que a Rocinante: clavó el hocico. Se rompió la nariz. Y Quindim, encima de él, ¡meta cuerno! ¡Fugti! ¡Fugti!... Y yo aquí, gritando...

—¡Epa! —dijo Naricita—. Ese sueño está dema-

siado bien arregladito para ser verdadero. Lo que estás haciendo, Emilia, es indignarnos con una de tus famosas *milanesas*.

En ese momento entró doña Benita que venía a continuar la historia del ingenioso hidalgo. Se sentó y dijo:

—Muy bien... ¿Dónde quedamos ayer?

—Don Quijote estaba otra vez en camino, en compañía de Sancho Panza —recordó Pedrito—. Conversaban sobre la insula.

—Eso mismo —dijo doña Benita, acomodándose los anteojos—. Estaban departiendo sobre la futura insula de Sancho, cuando el héroe vió a lo lejos, unos veinte o treinta molinos de viento:

—¡Sancho, mi querido Sancho! —gritó Don Quijote—. La fortuna empieza a favorecernos. ¿Ves allá a lo lejos, aquel ejército de gigantes?

—¿Gigantes? —repetió el escudero, mirando a todos lados—. No veo ni sombra de gigantes, señor...

—Aquello, allá —insistió Don Quijote, señalando con el flaco dedo hacia la distancia.

—¡Oh, señor! Aquello nunca fué ejército de gigantes. Aquello no es nada más que unos cuantos molinos de viento. Nada más.

—Son gigantes —porfió el héroe—. Y voy a pelear con ellos. Después de derrotados, nos quedaremos con sus despojos: armas y dineros. Arrodiillate, Sancho, y reza, mientras yo doy buena cuenta de todos esos monstruos.

Y, sin esperar respuestas, le clavó las lloronas en los huesos a Rocinante y partió como un bólido, dando gritos:



—¡A mí! ¡A mí!... ¡Cobardes, ladrones! ¡Yo solito con mi alma y mi lanza os convertiré en guñapos.

En ese instante sopló más fuerte el viento, y las aspas de los molinos comenzaron a girar con mayor rapidez.

—¡Agitad los brazos cuanto os plazca! —clamó Don Quijote—. Aunque tuviéseis más brazos que el gigante Briareo, yo os haría harapos del mismo modo...

Estaba ya cerca. Enristró la lanza y embistió, furioso, al molino más próximo, clavando el rejón en una de las aspas. Y lo que sucedió entonces fué algo estupendo: en un movimiento brusco, el aspa del molino levantó, en una pieza, caballo y caballero, y los lanzó a lo lejos, haciendo graciosas cabriolas en el aire.

Al ver el desastre, Sancho Panza, que se había quedado rezando de rodillas, montó en el burro, espoleó y corrió en socorro de su amo. Lo halló achataado en el suelo, inmóvil, lamentable.

—¡Bien le decía yo, mi amo, que eran molinos de viento y no gigantes! Mi señor no quiso hacerme caso, y ahora ahí está, descalabrado... gimiendo...

—¡Cállate, Sancho! —ordenó Don Quijote—. Las cosas de la guerra, más que ningunas otras, están sujetas a mudanzas y caprichos de la loca fortuna... Debes saber, Sancho amigo, que mi más cruel enemigo es el terrible hechicero Frestón. Él fué quien me robó la biblioteca. Y ahora, para quitarme la gloria de vencer a esos gigantes, los ha transformado en molinos. ¡Paciencia! Haya lo que haya y salga lo que salga, esta mi fiel espada tiene que vencer al fin, y Frestón será castigado como se merece.

—¡Amén! —remató el escudero, y ayudó a su molido amo a montar a caballo, si tal puede decirse de Rocinante, que mal se podía tener en pie. Lo peor fué que la lanza del caballero se había partido en tres pedazos, y un caballero sin lanza es como un pozo sin balde: no sirve para nada. Esa circunstancia provocó en el héroe de la Mancha las siguientes consideraciones:

—Cierta vez, un gran paladín español, de nombre Diego Pérez, habiéndosele roto la espada en una pelea, arrancó un tronco de encina, enterito, y con él machacó tal cantidad de moros que recibió el apellido de Machuca. Y con el nombre de Machuca se honraron más tarde sus descendientes. Voy a hacer lo mismo. Con mis propias manos me confeccionaré una lanza, con la cual he de asombrar al mundo.

—¡Así Dios lo quiera! —exclamó Sancho, poniendo los ojos en la desaliñada y torcida figura del machacado caballero, que en verdad, le parecía muy poco gallarda.

—Señor, mi amo —dijo—: me parecería bien que se enderezara un poco más en la montura. Quien así lo vea jurará que Su Merced es jorobado.

—Confíesote, Sancho discreto, que esta caída me ha achatado bastante. Y si no me quejo de los dolores que siento en todo el cuerpo, es porque un caballero no debe quejarse jamás, ni gemir, aunque le saquen todas las tripas a tomar el aire.

—He ahí una cosa que yo nunca haría —dijo Sancho—. No sé resistir al dolor. Al menor arañón chilló y gimo como un perrito cuando le cortan la cola. Pero dígame, señor: ¿no le parece que es hora de poner algo en estómago?

—Come tú, Sancho, come tú, hijo mío, ya que tienes hambre y con qué satisfacerla. Yo no necesito de alimentos corporales.

El escudero no lo creyó del todo. Pero, en vez de contrariar a su amo, cruzó una pierna sobre la cabeza de la silla, sentándose "a lo mujerita", abrió una de las maletas, sacó una parte de lo que en ella había y empezó a llenar el buche.

Tampoco se olvidó de la cantimplora de vino, que se aliviaban bastante en aquella primera ocasión.

## CAPÍTULO VII

NUEVAS AVENTURAS EN EL CAMINO. --  
LOS FRAILES

—Por eso es que era tan gordito —observó Nancita—. Ese Sancho, aquí, en los grabados del libro, parece un matambre arrollado. Lo que quiere es comer, comer y después de comer, comer. Sólo una cosa no entiendo, abuelita: Don Quijote tenía el *mate* descompuesto, y era natural, pues, que viera fantasmas y gigantes en todas partes. ¿Pero Sancho?... ¿Cómo es que, no teniendo el *mate* hueco como su amo, lo seguía por todas partes?

—Sancho —respondió doña Benita—, era una criatura de buen sentido, sin nada de loco; pero un tanto simpatorio y un muchacho ambicioso. Seguía a Don Quijote por interés. Primero, la insulina que le había prometido; después, cositas o cosas que pudiera pescar en el camino. Las aventuras deberían rendirle alguna cosa de provecho, él estaba seguro de eso.

—¡Una zurra debería rendirle! —observó la muñeca—. Estoy viendo que ese Don Quijote es lo que Nancita Nastasia llama "Depósito de sopapos". Sus aventuras están todavía en el principio, y ya ha recibido qué sé yo cuántas pateaduras...

—Eso es verdad —concordó doña Benita—. Si ustedes leyeran toda entera la historia de Don Quijote, tendrían que repasar un rosario de zurras y palizas que no tiene fin. No sólo las que él les daba